



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA NOGUEIRA LEONE

Trabalho de Conclusão de Curso

**A CONTRIBUIÇÃO DE ANIMAIS EM INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS:  
relevância e benefícios para a psicologia**

São Paulo

1º Semestre 2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA NOGUEIRA LEONE

**A CONTRIBUIÇÃO DE ANIMAIS EM INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS:  
relevância e benefícios para a psicologia**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência  
para a realização do Trabalho de  
Conclusão de Curso no curso de  
Psicologia da Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo, sob orientação da  
Professora Dra. Ana Maria Trapé  
Trinca.

São Paulo

1º Semestre de 2017



Para meus eternos companheiros.

## **Agradecimento**

Aos meus pais, Ester e Reginaldo, por toda a dedicação, cuidados, criação e sacrifícios para que fosse possível a conclusão do curso de Psicologia. Assim como por todo o amor e apoio ao longo de toda a minha vida, fornecendo meio para que o contato e o amor pelos animais ocorresse.

Agradeço ao meu noivo, Caio, por todo o amor, companheirismo, paciência e ajuda ao longo do curso, e na estruturação e formatação deste trabalho.

Às minhas irmãs, Daniela e Camila, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos mais diversos momentos, ajudando em minha criação e me dando amor e carinho. Dedico ainda aos meus cunhados, Daniel e Rodrigo, por estarem ao meu lado ao longo desses longos anos, me apoiando e ajudando nas várias fases vividas em minha vida.

À minha sobrinha Laura, que me mostrou o quanto pode ser verdadeira a relação entre tia e sobrinha, me proporcionando a experiência de viver momentos incríveis repletos de amor incondicional e regados a um vínculo e relacionamento único e especial.

À todas as minhas amigas que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação e para a elaboração deste trabalho.

Agradeço a Professora Doutora Ana Maria Trapé Trinca por compartilhar todo seu conhecimento e experiência, apoio, compreensão e amizade ao longo da graduação e da elaboração deste trabalho, tornando nossos encontros de sexta-feira mais leves e agradáveis.

Por fim, dedico este tema a todos os animais que estiveram presente em algum momento de minha vida, me mostrando o valor da amizade, atenção, companheirismo, fidelidade e amor incondicional. À minha eterna Gorda, que me mostrou o quanto a relação homem-animal pode ser intensa e verdadeira, deixando saudades em meu coração, ao Skype que sempre foi um grande companheiro, a Jenny e Nega que tiveram paciência para brincar com uma criança mesmo com idade e ao Alfredo por sempre estar ao meu lado. Agradeço ainda a minha pequena Bella que voltou a iluminar e trazer alegria para a minha família, me mostrando o quanto é possível amar e ser amado incondicionalmente, estando sempre presente, alegre e carinhosa à minha espera.

LEONE, Gabriela: A utilização de animais em intervenções terapêuticas: relevância e benefícios para a Psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ( PUC-SP). São Paulo, SP. Brasil.

### **Resumo**

O presente estudo realiza uma análise bibliográfica verificando a atuação e importância da Terapia Assistida por Animais (TAA) no ambiente hospitalar, escolar, clínico e em instituições para idosos. A análise partirá da contextualização histórica da relação humano-animal, criação da técnica e da legislação adequada, assim como a entrada e utilização da TAA no Brasil. Aspectos positivos são relatados em diversos artigos acadêmicos de estudos de casos, citando os ganhos para o bem-estar de pacientes nos mais diversos contextos clínicos. A teoria psicanalítica foi utilizada para compreender a relação homem-animal e os benefícios trazidos por esta. O principal objetivo do estudo é verificar como a psicologia pode usufruir da TAA, assim como buscar compreender com mais acuidade o melhor modo de utilizá-la. A relevância deste trabalho se dá ao fato de a TAA ser um tema novo no Brasil, e pouco abordado no contexto acadêmico, tendo como artigos que o representam apenas estudos de casos particulares, não envolvendo o aprofundamento de sua técnica e da visão psicológica sobre o tema, assim como a especificidade que é dada a cada estudo de caso, não abrangendo a utilização de animais de uma forma geral.

**Palavras-chave:** “psicologia”, “animais”, “psicanálise”, “TAA”, psicologia e animais”, “relação homem- animal”.

## **Sumário**

1. Introdução .....	7
1.1 Interação Homem- Animal.....	9
1.2 Contexto Histórico.....	10
1.3 Contexto Histórico Brasileiro .....	11
2. Método .....	14
3. A Função terapêutica do animal junto ao paciente .....	17
3.1 A presença distante.....	22
3.1.1 Autismo e psicanálise .....	25
3.1.2 TAA aplicada ao autismo.....	27
3.1.3 Caso Clínico .....	28
3.2 Os olhos que não veem .....	29
3.2.1 Depressão e a Psicanálise .....	30
3.2.2 TAA e a Depressão .....	31
3.3 Estranhas Moradas .....	33
3.3.1 Aspectos psicológicos .....	36
4. A visão da Psicanálise .....	38
4.1 Objeto e transferência: o papel do animal.....	38
4.2 Animais como objetos transicionais .....	44
4.3 O apego e os animais .....	46
5. Discussão e Considerações Finais .....	49
6. Referências.....	54

## 1. Introdução

O relacionamento homem-animal existe desde a Pré-História, porém maior importância e reconhecimento tem se dado atualmente. A mídia tem divulgado reportagens estabelecendo a importância desta interação, colocando em foco a atuação e os benefícios que os animais podem trazer para o tratamento médico. Um exemplo midiático a ser citado é o site *Catraca Livre*<sup>1</sup> que divulgou no dia 03 de maio de 2016 uma manchete sobre o Hospital Juravinski, em Ontário (Canadá), que iniciou um programa permitindo que os animais visitem os seus donos doentes como uma forma de auxiliar a recuperação. Porém, a entrada de animais não ocorre apenas no ambiente hospitalar, segundo o blog do jornal *Folha de São Paulo*, que comenta que a partir de 2000 foram realizadas pesquisas referentes a entrada de animais de estimação em ambientes de trabalho. Tais estudos demonstraram que os animais tornam o ambiente de trabalho mais agradável, a percepção de estresse é alterada e a integração entre os funcionários é aumentada. No Brasil, a Nestlé realizou um “pet day”, dia em que os funcionários podiam levar os seus animais de estimação para o trabalho.

A divulgação da importância do contato com diversas espécies animais apenas ressalta um aspecto já caracterizado e intrínseco da pesquisadora. Ao decorrer de toda sua vida possuiu contato com diversos tipos de animais, como cães, gatos, pássaros e peixes, sendo estes uma das principais fontes de amor, carinho e apoio. Porém, a relação estabelecida anteriormente passou por uma considerável mudança quando a pesquisadora passou pela experiência de ser “auxiliada” por um cão voluntário em um hospital em São Paulo. A partir deste fato, foi perceptível e comprovado o modo como o contato com um animal pode propiciar paz e calma, ajudando a desviar o foco e diminuir a ansiedade, tornando-se algo ainda mais desejado e esperado (Vide Anexo).

Seguindo esta linha de raciocínio, a utilização de animais como uma nova forma terapêutica, utilizada ou não por profissionais da saúde, passou a ser o grande foco desta pesquisa. A revisão de literatura realizada demonstra que o tema se mostra como novo no contexto acadêmico, sendo relatado apenas no estudo de

---

<sup>1</sup> [www.catracalivre.com.br](http://www.catracalivre.com.br)

casos específicos, como com certo paciente com câncer em um hospital específico, tendo, porém, todas as conclusões favoráveis.

Porém, a importância dada a este tema vai além do fato da pouca quantidade de literatura, abrangendo também a possibilidade de uma nova forma de intervenção que pode facilitar e contribuir para o tratamento e para o bem-estar de diversos tipos de pacientes, como idosos, crianças e pacientes psiquiátricos, sendo portanto, um recurso extremamente atual. Apesar de ainda ser pouco utilizado, sugere a possibilidade de vir a ser uma possível área de atuação para os profissionais da psicologia.

Tomando todos estes aspectos como referência, a pesquisa se baseia em uma revisão de literatura de artigos, Teses de Doutorado e Dissertação de Mestrado, reportagens e livros que possuem como foco a utilização de animais em diversos contextos e ambientes, explicando e comprovando seus benefícios e cuidados. A Psicologia é usada como base para maior entendimento e comprovação trazida pelo contato com animais para pacientes em diversos casos clínicos.

Os diversos modos de intervenções com animais são expostos e em seguida a introdução histórica dos animais na vida humana, assim como as diversas mudanças de relacionamentos, e a inserção da Terapia Assistida por Animais no Brasil. Por fim, teorias de cunho psicológico serão utilizadas para maior compreensão do envolvimento entre humano e animal.

O objetivo principal desta pesquisa é realizar uma apresentação dos aspectos gerais da Terapia Assistida por Animais (TAA), suas técnicas e procedimentos de utilização, locais, contexto histórico e público alvo, verificando se sua utilização traz reais benefícios para os pacientes, explicando porque estas mudanças ocorrem. Ainda será abordada a sua importância para a psicologia e a ênfase dada aos animais na relação estabelecida com humanos, utilizando para isto conceitos da psicanálise.

Para isto, uma rápida definição sobre os diversos tipos de interações com animais deve ser realizada.

## 1.1 Interação Homem- Animal

Na década de 90 a Delta Society<sup>2</sup> definiu a interação homem-animal. A terminologia Atividade Assistida por Animais (AAA) consiste na visitação, recreação e distração através do contato com animais, sendo uma atividade lúdica e livre. São atividades que não seguem um programa oficial, sendo realizada por profissionais ou proprietários que levam seus animais até as instituições para visitas de aproximadamente uma hora, sem haver no entanto um objetivo claro, como análise de pacientes, perfil e histórico, e sem haver ainda o acompanhamento médico durante as visitas. Já a terminologia Terapia Assistida por Animais (TAA) envolve serviços de profissionais da área da saúde que utilizam o animal como parte do tratamento. A atividade é dirigida para promoção da saúde física, social, emocional e de funções cognitivas, sendo portanto um processo terapêutico formal com objetivo, procedimentos e metodologia previamente definidos e com análise de resultados constantes, reavaliando todos os progressos alcançados para se atingir o objetivo do programa. (DOTTI, 2014)

Um aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que, em ambas as atividades, os animais passam por processos de higiene rigorosos e seguindo padrões determinados de limpeza e vermifugação, passando por avaliações e reavaliações constantes quanto ao seu comportamento, socialização e obediência.

Segundo Levinson :

*“ os animais são vistos como agentes imaginários pelos quais a criança pode construir um sentido de identidade e independência, além de desenvolver a capacidade de relacionamento e interpretação de aspectos não verbais.”*  
(LEVINSON, 1969, p.68)

---

<sup>2</sup> Deltasociety.com.au

## 1.2 Contexto Histórico

Os primeiros achados arqueológicos referentes a cachorros-lobos domésticos encontrados próximos a humanos datam aproximadamente de 11-14 mil anos atrás (BENECKE<sup>3</sup>,1987; DAVIS e VALLA <sup>4</sup>1978; MOREY<sup>5</sup> 2006, *apud* MCCARDLE *et al*,2013). A ideia de uma relação emocional intensa entre homens e animais assim como a construção de normas sobre como tratá-los poderiam ter ocorrido nos povos caçadores e coletores, que utilizavam os animais na prática de caça e na defesa. Aos poucos, o comportamento de lobos selvagens, antigos ancestrais dos cães, foi sendo alterado, tornando-se mais dóceis, menos agressivos e formadores de vínculos. Seguindo este caminho, a seleção natural ocorrida juntamente com o cruzamento artificial, realizado pelo homem há mais de 12 mil anos, possibilitou o aparecimento de diversas raças de cães assim como de diversos comportamentos que definiram onde cada animal poderia contribuir, como pastor, na caça, ou como animal doméstico.

Com o decorrer dos anos, os costumes referentes aos animais têm sido alterados. Mudanças na forma como tratá-los, na introdução no ambiente familiar, a importância social e as diferentes espécies domesticadas têm sido notadas ao longo dos anos. Segundo o IBGE, em 2013 haviam 132,4 milhões de animais domésticos no Brasil, estando em quarta posição em maior número de animais de estimação no mundo. Ainda segundo a Abinpet (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), o comércio referente aos produtos de linha pet, acessórios, alimentos, cosméticos, etc, é o setor com maior crescimento no país, propiciando aumento em lucros e investimentos.

O primeiro relato de utilização de animais no tratamento da doença mental, e o desenvolvimento de uma teoria para isto ocorreu no fim do séc XVII, enquanto que o primeiro documento referente a utilização da terapia assistida por animais aconteceu em York Retreat, Inglaterra. (MCCARDLE *et al*, 2013). Ainda segundo McCardle e outros (2013), este retiro utilizava métodos de tratamentos diferenciados permitindo que seus usuários circulassem livremente pelo local e

---

<sup>3</sup> Benecke, N. Studies on early dog remains from northern Europe, 1987.

<sup>4</sup> Davis, J e Valla, F. Evidence for domestication of the dog 12000 years ago in the Natufian of Israel, 1978.

<sup>5</sup> Morey, D. Size, shape and development in the evolution of the domestic dog, 1992.

convivessem com pequenos animais domésticos. Este autor cita o psicólogo Boris Levinson (1969), como autor principal para o ressurgimento da utilização de animais em tratamentos de saúde e psicoterápicos. Para Levinson: “os animais poderiam ser usados como co-terapeutas, utilizando da relação criança-animal para criar maior e mais rápida aproximação dos pacientes, favorecendo o vínculo terapêutico”.

Além deste aspecto, o autor citado ressalta que crianças que haviam passado por dificuldades nas relações com adultos poderiam ter melhor relacionamento com animais justamente pelo fato destes fornecerem atenção e afeição, sem ameaças ou riscos.

Com seu primeiro artigo, “O cão como co-terapeuta”,1962, Levinson foi considerado o precursor da Terapia Assistida por Animais. Caetano (2010) relata:

*“Enquanto eu recebia a mãe, Jingles correu em direção à criança e começou a lambê-lo. Para minha surpresa, o menino não se assustou senão que abraçou o cachorro e começou a acariciá-lo. (...) Durante várias sessões brincou com Jingles, aparentemente alheio à minha presença. De qualquer maneira, mantivemos muitas conversações durante as quais estava tão absorto com o cachorro que parecia ainda não conseguir dar respostas coerentes. Finalmente parte do afeto que sentia pelo cachorro recaiu sobre mim e fui conscientemente incluído nos jogos. Lentamente atingimos uma forte compenetração que possibilitou meu trabalho para resolver os problemas da criança.” (Manucci,2005<sup>6</sup>, apud CAETANO, 2010, p. 8-9)*

### **1.3 Contexto Histórico Brasileiro**

No Brasil, o pioneirismo na utilização de animais no tratamento terapêutico ocorreu através da psiquiatra Dra. Nise da Silveira. Por volta dos anos 50 e 60, quando Nise trabalhava no Hospital Psiquiátrico Pedro II, uma cadela foi encontrada perdida e abandonada nos arredores do hospital, que se localizava na cidade do Rio de Janeiro. Ao recolher o animal, a psiquiatra percebeu o grande interesse despertado em seus pacientes e perguntou se haveria por parte

---

<sup>6</sup> Manucci, A. Fazendo amigos , 2005.

deles a vontade de cuidar do cachorro. A partir da resposta afirmativa, Silveira iniciou a introdução e utilização de animais para tratar pacientes esquizofrênicos e percebeu a vinculação formada entre sujeito e animal.

Nise desenvolveu o conceito de afeto catalisado, no qual se destaca a importância da presença da figura não invasiva de um co-terapeuta que se mantenha com o doente, sendo um ponto de apoio para a reorganização psíquica deste, como a psiquiatra afirma:

*“Excelentes catalisadores são os co-terapeutas não humanos. Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia (...) verifiquei as vantagens da presença dos animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. Os gatos têm um modo de amar diferente. Discretos, esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem.” (SILVEIRA,1982, p..81)*

A partir do projeto de Nise, o estudo da relação homem- animal começou a ser amplificado, sofrendo grande queda por volta dos anos 90, devido à resistência médica na utilização dos diversos animais em ambientes hospitalares e em contextos terapêuticos. Porém, outros projetos têm surgido com o decorrer dos anos. Podem ser citados: Projeto Cão do Idoso, Cão-Cidadão-Unesp, Cão Terapeuta. São encontrados ainda em casas de repouso, junto a pacientes com Doença de Alzheimer, em hospitais infantis, em tratamentos particulares de autistas, junto a pacientes com alterações físicas, mentais e emocionais.

Outra atuação realizada por cães amplamente difundida na sociedade são os cães-guias. Estes animais acompanham pessoas com deficiências visuais na realização de suas rotinas e nos percursos diários, evitando que possíveis acidentes ocorram.

Diversas instituições formadoras de cursos têm surgido, como INATAA (Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais), instituição que fornece cursos para donos e animais que visam atender crianças, adolescentes, adultos

e idosos em asilos e hospitais. Neste processo, os cães são acompanhados por adestradores e profissionais da saúde que guiam o trabalho.

É importante ressaltar a presença do projeto PetSmile que acontece desde 1997. Sua atividade consiste em realizar visitas dos animais e voluntários às instituições com crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais, sendo um dos principais projetos reconhecidos no Brasil.

A única forma de tratamento usualmente aceita por médicos é a equoterapia, que consiste na utilização de cavalos para melhorar a postura corporal, coordenação e equilíbrio de pacientes com paralisia cerebral, com autismo e com síndrome de Down, sendo este método terapêutico reconhecido pelo Conselho Federal de Medicina em 1997.

## **2. Método**

A pesquisa possui como intuito verificar como a utilização de animais pode ser positiva para pacientes internados em hospitais, casas de repouso, ou qualquer outro ambiente que não seja aquele no qual ele reside com sua família. Será focalizado os benefícios trazidos pelo contato homem-animal em momentos de fragilidade. A compreensão desta relação, assim como o auxílio desta na terapia serão verificadas procurando destacar o auxílio da Psicologia e comprovar os aspectos positivos trazidos pelo contato animal e paciente, visando compreender também a formação e intensificação do vínculo que é estabelecido com os animais. A teoria psicanalítica será utilizada como base para se aprofundar na compreensão da relação homem-animal e na importância desta no contexto terapêutico.

O presente trabalho se pautará em uma pesquisa de base bibliográfica, abrangendo trabalhos que focalizem de diversos modos a utilização de animais para a melhoria do bem-estar humano. Artigos científicos, dissertações de mestrados e teses de doutorados, livros e reportagens divulgadas na internet em sites de busca científicos serão as principais fontes de informação para a realização do mesmo. De início, é perceptível que o tema é novo no campo da pesquisa, possuindo poucos trabalhos que tragam o assunto abordando a sua utilização de forma ampla e para diversos ambientes, e não só como estudo de caso de hospitais ou enfermarias específicas. Desse modo, abordar o tema trazendo todos os aspectos gerais da Terapia Assistida por Animais (TAA), suas técnicas e procedimentos de utilização, locais, contexto histórico e público alvo, e não apenas casos, se mostra de grande importância e relevância, visto que, a TAA é um campo em expansão no Brasil e pouco explorado do ponto de vista de acadêmico, sendo tema de grande divulgação por parte da mídia

O processo de pesquisa foi iniciado com a consulta a internet, procurando artigos e notícias que tivessem como palavra chave as expressões “animais e humanos”, “relação homem e animal” e “terapia assistida por animais”. Em seguida, foi recorrido a busca à biblioteca da PUC-SP verificando se existiam livros que relacionassem essas expressões e ainda o homem com os animais de modo geral. Foi encontrado apenas um livro e duas teses de mestrado e doutorado que serão utilizados neste trabalho. Porém, ambos os trabalhos se

referiam a casos específicos, tais como a utilização de animais em psicoterapias com crianças em processo de luto.

Em seguida, foram pesquisados sites de associações que incentivem ou que pratiquem a terapia assistida por animais ou ainda a Atividade Assistida por Animais (AAA). Como consequência, muitas notícias que se relacionam de alguma forma com o tema foram encontradas. Isto ocorreu pelo fato de a mídia estar mostrando cada vez mais estudos que citam a relação do animal de estimação com o humano, assim como sua presença cada vez mais aceita em ambientes hospitalares. Ainda foram utilizados sites de artigos acadêmicos, tais como o Scielo e o Lilacs, possuindo como palavras chaves “animais”, “relação com homem”, “animais de estimação”, “homem e animal”.

Ao passo que novos livros e artigos eram encontrados, as referências bibliográficas destes serviram de fontes para que novas pesquisas fossem realizadas. Conforme vários livros e artigos sobre o tema foram sendo acumulados, foi percebido que, por ser um assunto novo, há poucos atores de referência e especialistas nos temas, o que fez com que as referências fossem se repetindo, fato este que ressalta a importância de mais pesquisas no assunto.

A presença de novos artigos e livros contribuíram para o aparecimento de novos temas que devem ser abordados pela pesquisa, surgindo novas fontes sobre diferentes assuntos possíveis de se relacionar com a relação homem e animal e sua relação terapêutica. Como exemplo há a pesquisa de Delarissa (2003) que exalta o vínculo entre homem e animal e a análise psicanalítica sobre este relacionamento. A partir desta perspectiva, diversas possibilidades de ampliação da análise do trabalho para a perspectiva da psicanálise foram encontradas, sendo incorporadas por este trabalho.

A pesquisa apresentou a introdução histórica do animal nos lares humanos, assim como a construção do vínculo homem-animal, em seguida o surgimento da TAA e sua entrada e utilização no Brasil, caminhando para sua procura atual e abordando os resultados relatados pela literatura, assim como os cuidados a serem tomados.

Para finalizar, uma discussão acerca de algumas teorias psicológicas que explicam o envolvimento entre homem- animal e seus benefícios e para quais

conteúdos subjetivos o animal pode contribuir para o acesso e elaboração. Para esta análise psicológica, a perspectiva psicanalítica se mostrou fundamental para a melhor compreensão sobre os motivos pelos quais a utilização de animais em intervenções terapêuticas tem trazido benefícios aos pacientes, possibilitando maior visão sobre o contexto e relação terapêutica, tomando como base conceitos como vínculo e transferências, princípios base na teoria psicanalítica.

### **3. A Função terapêutica do animal junto ao paciente**

A Terapia Assistida por Animais pode ser realizada com diversas espécies, sendo as principais: cães, cavalos, gatos, tartarugas, coelhos e alguns pássaros. O público alvo também varia muito, incluindo crianças, idosos, pacientes com doenças crônicas ou terminais, pacientes com paralisia cerebral, podendo ter como local de atuação hospitais, escolas, casas de repouso, organizações especializadas neste atendimento, etc.

Segundo McCardle *et al* (2013), a utilização de animais pode seguir diversos propósitos. Um exemplo citado pelo autor é a atual utilização de animais em sala de aula. O autor ainda relata a pesquisa de Law e Scoot<sup>7</sup> (1995) que avaliou a assistência a animais de estimação como intervenção educativa para jovens com atraso generalizado ou autismo, e obteve como conclusão o fato de haver a diminuição do medo das crianças em relação aos animais dizendo que:

*“ [...] os animais servem de veículo para o desenvolvimento receptivo e expressivo da linguagem, e ajudam as crianças a melhorar a capacidade de tomar decisões, resolver problemas e interagir socialmente com adultos e pares. ” (Law e Scoot,1995, apud MCCARDLE et al ,2013, p.152).*

McCardle (2013) ainda ressalta a pesquisa de Hergovich<sup>8</sup> (2002) que investiga os efeitos da presença de um cão em sala de aula e conclui que as crianças apresentam melhoras na independência no campo, competência social, empatia com os animais e ambiente social e emocional.

A melhoria nas habilidades motoras e físicas também ocorrem com o convívio com animais, explicando o fato destes serem utilizados com idosos ou pessoas com deficiências físicas. Ademais, a comunicação e a leitura também são variáveis que melhoram na presença de um animal. A pesquisa de Corson e Corson<sup>9</sup> (1980) relatada por McCardle (2013, p.158) mostra o caso de um jovem esquizofrênico que aumenta o seu número médio de palavras de 3,4 para 21,1

---

<sup>7</sup> Law e Scoot, Tips for practitioners. Pet care: a vehicle for learning, 1995.

<sup>8</sup> Hergovich, The effects of the presence of a dog in the classroom, 2002.

<sup>9</sup> Corson, S, Corson E. Ethology and nonverbal communication in mental health, 1980.

na presença de um cão. A presença deste também aumenta a comunicação verbal existente entre grupos, sendo em locais hospitalares ou casa de residência de idosos. A mesma pesquisa de Corson e Corson (1980) aponta que de trinta pacientes hospitalizados e psicóticos, apenas dois não melhoraram com a intervenção junto a um animal. Delarissa salienta que a terapia facilitada por animais domésticos é “ *uma ferramenta para assistir ao processo terapêutico, é um importante ponto de apoio no processo de ressocialização, o que torna o paciente ciente das limitações de seu comportamento e modalidades de dependência mútua*”. (CORSON *et al*, 1980, *apud* DELARISSA, 2003, p.84)

A expressão emocional, assim como a influência tranquilizadora são aspectos também ressaltados nos animais, de modo que um cão pode moderar o estresse e diminuir os sinais de ansiedade (KARCHER<sup>10</sup>, 1996, *apud* MCCARDLE *et al*, 2013).

O aumento na motivação para aprender e a compreensão da morte e do luto são também abordados pela utilização de animais que, neste segundo caso, são tidos como exemplo e primeiros contatos com a morte que algumas crianças têm.

O desejo de manutenção de uma relação entre homem e animal remete ao contato com a natureza que o ser humano possui como uma relação vital. O animal traz companhia e distração ao homem, mas é importante perceber quais são os aspectos que estão envolvidos quando um indivíduo deseja e possui contato com animais. Partindo desta questão, Derrida <sup>11</sup>(2002) em seu livro *O animal que logo sou* (2002, *apud* Domingues, 2010), analisa uma possível distinção do homem e do animal e conclui em duas possibilidades da relação homem – animal. A primeira estabelece que o homem projeta no animal sua psique e sentimentos, de onde surgem as metáforas e desenhos com animais possuindo atributos humanos. Na segunda relação, o homem procura imaginar como os animais o veem, criando atributos diferentes das suas características. Nesta segunda possibilidade, o autor chama o animal de “vivente”, ressaltando a importância do reconhecimento do animal baseado nele próprio.

---

<sup>10</sup> Karcher, A. *Between pets and people: The importance of animal companionship*, 1996 .

<sup>11</sup> Derrida, J. *O animal que logo sou*, 2002.

Segundo Friedmann<sup>12</sup> (1990, *apud* MACHADO,2008), realizador de estudos sobre os efeitos da relação homem-animal nos parâmetros da saúde fisiológica, a TAA promove a saúde física através de três linhas que resultam na diminuição da solidão e da depressão: a diminuição da ansiedade, os aumentos dos estímulos no sistema nervoso simpático e o aumento no estímulo para prática de exercício.

Ainda em McCardle *et al* (2013) são mostrados os possíveis efeitos fisiológicos, psicológicos e sociais ocorridos com o contato com animais. A tabela a seguir resume tais efeitos.

---

<sup>12</sup> Friedmann,E. The value of pets for health and recovery, 1990.

**Tabela 1. Reações fisiológicas, psicológicas e sociais das pessoas ao contato com animais**

<b>Reações Fisiológicas</b>	
<b>Sistema cardiovascular</b>	Normalização e estabilização da circulação
<b>Sistema musculoesquelético</b>	Relaxamento muscular, diminuição da espasticidade e melhora no equilíbrio
<b>Sistema Nervoso</b>	Secreção de endorfinas, mudanças na percepção da dor e influências neuroendócrinas
<b>Conduta de saúde</b>	Ativação motora, aumento da mobilidade, treinamento muscular, ativação do trato digestivo, motivação para hábitos alimentares saudáveis, melhor higiene pessoal, redução de sobrepeso, redução no consumo de álcool e nicotina, ajuda rotina regular.
<b>Assistência domiciliar prática</b>	Compensação para sentidos como função limitada, orientação e acompanhamento de pessoas com deficiência
<b>Reações Psicológicas</b>	
<b>Estado Mental</b>	Experiência de aceitação, solidariedade, reconhecimento, consolo, estímulo, expressões de carinho, proximidade física e entusiasmo
<b>Autopercepção, autoestima e autoconfiança</b>	Estima e admiração, percepção da própria eficácia, sensação de utilidade, responsabilidade, realização e competência
<b>Controle sobre si mesmo e seu ambiente</b>	Experiência de controle por meio do cuidado, da alimentação, da orientação e da criação de um animal de estimação em casa, autocontrole, sensibilização para as próprias necessidades e capacidades, capacidade ativa de enfrentar situações difíceis, competência e confiança
<b>Segurança e redução do medo</b>	Aceitação, afeição constante e sem preconceito, admiração sem questionamento, possibilidade de interação sem ameaça e livre tensão
<b>Estresse</b>	Mudança na percepção e na avaliação das situações de estresse, serenidade, consolo, reafirmação e desvio das fontes de medo, aumento dos pequenos prazeres
<b>Sistemas sociais</b>	Necessidades de contato, relacionamento, segurança, proximidade e interesses comuns
<b>Reflexão, projeção e alívio</b>	Escuta silenciosa, alívio afetivo e abertura emocional, ajuda para memorização, veículo de identificação e projeção
<b>Humor</b>	Reciprocidade, confiança, consciência do momento, devoção, reformulação de situações de estresse, aprofundamento da capacidade de enfrentar situações difíceis, atividade, responsabilidade, dependência, consolo, estímulo, prazer, espontaneidade e diversão; efeito antidepressivo e antisuicida
<b>Reações Sociais</b>	
<b>Isolamento</b>	Diretamente, por meio da proximidade com o animal, com eliminação da solidão; indiretamente, pelas interações catalisadoras com outras pessoas, pela facilitação do contato social por intermédio da função de iniciar conversas que o animal exerce
<b>Proximidade, intimidade e contato físico</b>	Substituto para falta de relacionamentos sociais íntimos (por exemplo, para solteiros)
<b>Comportamento conflitivo, união familiar, modelagem de relacionamentos</b>	Assunto para discussão, comunicação intrafamiliar mais intensa, fortalecimento do sentimento de união
<b>Atribuição social</b>	Vantagem da solidariedade, que facilita interações abertas e descontraídas

Fonte: McCardle *et al* (2013,p.179-180)

Dentro dos estudos psicológicos, Denise Ramos (1999) afirma que a ligação com animais representa a importância do equilíbrio animal para a vida humana, pois cada animal representa um aspecto psicológico do homem, nos quais ele pode projetar sua psique.

As intervenções assistidas por animais têm sido utilizadas com públicos que envolvem diversas variáveis clínicas. Crianças com transtorno de humor (depressão), com transtornos emocionais (ansiedade, fobia, estresse pós-traumático), com autismo, que passam por processo de luto, ou com doenças, como o câncer, são os principais sujeitos de relatos envolvendo a nova técnica.

O pioneiro Levinson, em seu livro *Pet Oriented Psychotherapy* (1969) relata que os animais são úteis no momento da entrevista para avaliar como os pacientes se relacionam, e no momento de psicodiagnósticos para aliviar a tensão do ambiente, pois o paciente esquece que está sendo avaliado. O autor comenta:

*“Uma técnica bem-sucedida para o emprego de um cão como uma ferramenta para entrevista com crianças pré-escolares geralmente se inicia por sentarmos os três à mesa, de maneira informal. Um ritual flexível é seguido. Primeiro, o cão dá um aperto de mão com a criança, na introdução. Então o cão sussurra no ouvido do psicólogo que a maioria das crianças tem segredos que habitualmente compartilham com ele (o cão). A culpa por revelar segredos da família pode, portanto, ser evitada. O psicólogo diz à criança que o cão deseja saber, e a criança diz ao cão a informação solicitada. Em cada caso, o terapeuta comporta-se apenas como agente ou intermediário, retransmitindo a mensagem para o cão ou para a criança, tendo o cuidado de expressar que Jingles disse ou Johnny disse.”*  
(LEVINSON, 1969 p.92)

O mesmo autor relata outra técnica utilizada com adolescentes. Ele perguntava o que Jingles, o cão que acompanhava as sessões, sonhava, o que fazia com que os pacientes relatassem os seus próprios sonhos. Ele ainda levava os pacientes para passear com o cão, o que revelava aspectos da personalidade de seus pacientes como quando o paciente escolhia quem levava a guia do animal.

Já Domingues (2010), em seu livro Terapia fonoaudiológica assistida por cães, traz casos em que contou com a ajuda de Pequena, uma vira-lata, para realizar as sessões com os seus pacientes. Na maioria dos casos, as queixas eram de dificuldade de leitura e escrita, mau comportamento e dificuldade de concentração. Nos relatos dos casos a presença da cadela proporcionou um ambiente de segurança e fez com que os pacientes procurassem agradar e interagir com Pequena, contando histórias e escrevendo cartas, estando ainda mais dispostos para a sessão.

*“ Ao tomar Pequena como um interlocutor sem julgamento, J pôde exercitar suas habilidades ao despertar para escrita, tendo a possibilidade de vivenciar a situação de não ser corrigido. (...) Para J. a presença de Pequena parece ter criado um lugar de resgate e segurança, preenchendo o espaço deixado pelas perdas que teve (...)”* (DOMINGUES, 2010, p. 77-78).

Para maior compreensão e aprofundamento da dinâmica do TAA com estes sujeitos, estes casos e relatos serão aprofundados no decorrer do trabalho, como uma forma complementar de informações sobre os efeitos e importância dos animais nos processos terapêuticos. Serão abordadas e explicadas algumas situações clínicas e *settings* terapêuticos, tais como autismo, depressão, internação em casa de idosos ou hospitais, nos quais os animais se destacam e trazem melhorias ao atendimento e a qualidade de vida do paciente.

### **3.1 A presença distante**

Uma das principais utilizações da TAA em *settings* terapêuticos tem sido com pacientes com diagnóstico de autismo. Autores como Lacerda (2014) e Dotti (2014) enfatizam o relato de casos, que serão tratados no decorrer do item, em que animais foram utilizados em sessões terapêuticas, relatando ainda os benefícios que tal ação trouxe para os pacientes. Com base na relevância bibliográfica encontrada relacionando a TAA e autismo, este tema será aprofundado neste capítulo.

O termo “autismo” foi utilizado pela primeira vez por Leo Kanner em 1943. Porém, em 2013 foi lançado o novo DSM V (American Psychiatric Association,

2013), que consiste em um manual de diagnóstico e estatística para transtornos mentais, que visa definir como são feitos os diagnósticos desses transtornos. Nesta edição, houve uma nova forma para a caracterização do autismo. O que antes se baseava apenas na descrição deste diagnóstico, na atual versão passou a enquadrar diversos sintomas no TEA – Transtorno do Espectro Autista, nome atualmente utilizado para englobar diversos quadros anteriormente caracterizados apenas por autismo.

O TEA consiste em um grupo de desordens do neurodesenvolvimento do cérebro que baseia seus sintomas em três ordens principais: inabilidade de interação social, dificuldade de domínio da linguagem e comportamentos restritivos e repetitivos. (KAMERS *et al*, 2015). O primeiro aspecto refere-se às possíveis dificuldades de iniciar, manter ou responder a interações sociais, associadas a dificuldade de expressão emocional, e de estabelecer interesse em outras pessoas, o que faz com que fisicamente o sujeito esteja presente no ambiente, porém sua falta de interação e resposta a este o faz parecer distante, isolado, por isto o termo “ presença distante”. Este quesito também enquadra a dificuldade que pessoas diagnosticadas com autismo possuem em compreender expressões faciais, gestos, tons de voz e estabelecer o contato visual. Já os comportamentos repetitivos e restritos abrangem o apego às rotinas, a emissão de comportamentos repetitivos e estereotipados, interesses restritos e problemas de transtornos sensoriais.

É importante destacar ainda que pessoas com o diagnóstico apresentam falta de contato ocular, não realizam imitações de gestos e não apresentam o jogo de faz de conta comum em certas idades para crianças, podendo realizar ainda, comportamentos de auto estimulação, como o balançar, podendo gerar ainda comportamentos de autoagressão. (LAMPREIA,2013)

As dificuldades e os sintomas decorrentes do TEA podem aparecer desde o nascimento, ou ainda após este, sendo agravados com o decorrer da vida do indivíduo, se caracterizando em leve, moderado ou grave. Pessoas com diagnóstico de autismo podem possuir algumas comorbidades agravadas pelo diagnóstico. Problemas físicos, atrasos no desenvolvimento, tais como atrasos na linguagem e para iniciar o andar ou o engatinhar, são comuns nesses casos.

O TEA engloba o Transtorno do autismo, que consiste em atrasos na linguagem significativos, problemas de comunicação e sociais e interesses incomuns; a Síndrome de Asperger, com problemas sociais e interesses incomuns, não apresentando problemas na linguagem ou intelectuais; e os Transtornos invasivos do desenvolvimento, ou o chamado autismo atípico, com sintomas do autismo clássico em menor número e intensidade. (KAMERS *et al*, 2015)

Atualmente, a idade média para o diagnóstico de autismo ocorre por volta dos três anos de idade, porém, no Brasil, muitas crianças possuem seus diagnósticos confirmados já com idades avançadas, o que prejudica as possíveis intervenções a serem realizadas e uma possível diminuição da possibilidade de melhoria de alguns sintomas, pois, quanto antes se iniciam as intervenções melhores são os resultados e maiores as diminuições das intensidades dos sintomas. As médias estatísticas estabelecem que 1 a cada 100 crianças possuem autismo, sendo que para cada 1 menina há 5 meninos autistas (LAMPRÉIA, 2013).

Muito se estuda a respeito das possíveis causas do autismo, porém a única conclusão até o momento é o fato deste ocorrer por aspectos multifatoriais, ou seja, há a interferência da genética na manifestação da doença, porém, apenas esta não é suficiente para que o quadro apareça, sendo necessário um ambiente propício, talvez com pouca estimulação, para que os sintomas se desenvolvam.

O tratamento para o TEA consiste em uma abordagem multidisciplinar que vise diminuir os efeitos sobre o desenvolvimento global do indivíduo. Segundo Case-Smith<sup>13</sup> e Abersman (*apud* LACERDA, 2014) as terapias devem abranger a integração e intervenção sensorial, focar no relacionamento e interação social, programas de desenvolvimento de habilidades, treinamento de habilidades sociocognitivas, abordagens mediadas por parentes e intervenções comportamentais intensivas. Desse modo, as terapias possuem como objetivo melhorar o processamento sensorial, as atividades de comunicação e sociais, autocuidado, participação de brincadeiras e transição para atividades de independência.

---

<sup>13</sup> Case- Smit, J & Arbesman, M. Evidence-based review of interventions for autism used in or of relevance to occupational therapy, 2008.

Porém, não existe uma forma certa e definida para o tratamento, pois deve ser levado em consideração a individualidade de cada um, assim como as peculiaridades de cada caso. O envolvimento do paciente e de sua família devem ocorrer conforme for sendo realizado o planejamento do caso, sempre levando em consideração e permitindo espaço para a escuta de familiares e outros atores presentes na vida do paciente. Alguns casos necessitam de tratamento medicamentoso que deve ser acompanhado e regulado de acordo com cada indivíduo, porém, apenas os fármacos não são o suficiente para a melhora dos sintomas do diagnosticado. Diversos tipos de terapia devem ser utilizadas, variando de caso a caso, podendo englobar psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, nutricionais, etc.

### **3.1.1 Autismo e psicanálise**

Para a psicanálise, estabelecemos uma relação com o outro em busca das dimensões do prazer e do amor. Nas pessoas com diagnóstico de autismo, as relações estabelecidas não demandam nem o prazer nem o amor, mas sim, são relações objetivas, de trocas diretas ou mecânicas. Por exemplo: quando uma criança chama seu pai para pegar um brinquedo não está intimamente ligada nesta relação, demandando amor ou prazer, mas sim está utilizando este como instrumento para alcançar seu objetivo, obter o brinquedo. Sendo assim, esta relação se dá em uma troca objetiva, através da necessidade da criança que deve ser atendida.

O prazer determina o desejo do sujeito, estando presente em todas as relações estabelecidas entre a criança e o mundo. Desse modo, o prazer passa a ser importante nas relações estabelecidas com o outro.

Kupfer (2015) descreve o prazer compartilhado. O bebê possui duas principais necessidades, o alimento e o outro. Este interesse faz com que haja uma reação agradável na presença do outro, presença esta que vai sendo substituída pelo registro simbólico do outro. A construção deste registro resulta na capacidade da criança aproveitar o prazer compartilhado.

Ainda neste sentido, o prazer compartilhado é dividido em três aspectos: a criança aprende a receber o prazer e o amor vindo do outro, a criança aprende a dar prazer para o outro e a criança aprende a dar e receber prazer. As crianças

diagnosticadas com autismo sabem receber prazer, algumas podem aprender a dar prazer, mas elas não conhecem o vínculo de dar para receber prazer e amor. Segundo Kupfer:

*“ Quando se constrói o vínculo amoroso, a instalação da sexualidade infantil não se deu convenientemente e a construção do laço libidinal com os outros está comprometida. É justamente dessa falha que se originam as principais dificuldades dos autistas. ” (KUPFER et al.,2015, p.55)*

A autora ainda traz que, segundo a psicanálise, a tríade de sintomas principais para o diagnóstico podem ser explicadas. A dificuldade de interação social está relacionada com a dificuldade de compreensão dos sentimentos e emoções dos outros. Os problemas decorrentes da linguagem decorrem do fato de que as primeiras relações de prazer compartilhado não permitem a construção do mundo simbólico do sujeito. Assim o aprendizado da linguagem ocorre de forma mecânica, sem que a pessoa forneça representações daquilo que é dito ou ouvido, comprometendo o mundo afetivo. Por fim, os comportamentos repetitivos ocorrem porque o mundo simbólico tende a substituir o mundo dos reflexos. Porém, nos autistas, não há a constituição do mundo simbólico, fazendo com que o mundo dos reflexos impere, assim os comportamentos mecânicos e repetitivos, típicos desse, se apresentam em grande frequência.

O autismo possui como uma possível variável de causas a genética. Porém, este não se mostra o único e mais forte fator influenciador da manifestação do transtorno ou não. A teoria psicanalítica estabelece que algumas crianças nascem com uma tendência a se fecharem quando veem o outro como algo excessivo, fazendo com que a troca, necessária ao aprendizado seja do prazer compartilhado, não ocorra, ou seja:

*“ (...) trata-se de uma hipersensibilidade da criança a qualquer estímulo ou perturbação desagradáveis vindos do meio ambiente. ” (KUPFER et al, 2015, p.58).*

### 3.1.2 TAA aplicada ao autismo

A interação com animais melhora diversas funções e habilidades em crianças, como autoestima, interação social, empatia e desenvolvimento sócio emocional. (HILLS <sup>14</sup>apud LACERDA,2014). Desse modo, a interação com animais favorece o aprendizado de comportamentos sociais, como acariciar e cuidar, podendo regular o estresse em situações estranhas ou desagradáveis. Em situações terapêuticas, nas quais o terapeuta e o *setting* são estranhos ao paciente, os animais poderiam favorecer a criação do contato e de vínculo entre paciente e terapeuta.

De acordo com Martin e Farnum<sup>15</sup> (2002), citados por Lacerda (2014), o animal facilita o acesso do paciente com TEA ao ambiente social, pois age como um objeto transicional favorecendo o estabelecimento de diversos vínculos. Senso assim, a utilização da TAA com pacientes com autismo possibilita maior aproximação deste tanto com o animal, como com o terapeuta, podendo aumentar a comunicação e o engajamento em atividades.

Segundo Lacerda (2014) a utilização de TAA em pacientes autistas de alta severidade possibilitou que a frequência de comportamentos estereotipados diminuísse ao longo das sessões com cães, juntamente com o aumento de comportamento de interação social, como contato visual e aproximação física, e do vínculo estabelecido com o terapeuta. No início das sessões, os comportamentos sociais eram dirigidos exclusivamente ao animal, porém, ao decorrer do tratamento, estes comportamentos foram generalizados e abrangeram os seres humanos que acompanhavam as sessões de terapia, aumentando o contato social, que acabou por substituir comportamentos estereotipados.

Em seu livro, Dotti (2014) traz um estudo realizado com crianças autistas, de 3 a 13 anos, que compara a interação entre a criança e o cão com a interação com um brinquedo e uma bola. Os resultados demonstraram que as crianças se mostraram mais atentas, sorridentes e brincando mais na presença dos cães.

---

<sup>14</sup> Hills,A. Empathy and belief in the mental experience pf animals, 1995.

<sup>15</sup> Martins, F e Farnum, J, Animal- Assisted Therapy for Children with Pervasive Developmental Disorders, 2002.

*“ Parece que, quando estão com os cães, mostram um nível maior de atividade, focada no interesse pelo ambiente. ”* (DOTTI, 2014, p.180)

### **3.1.3 Caso Clínico**

Em sua Dissertação de Mestrado, Munõz (2014) traz o estudo da interação entre 6 crianças, 2 meninas e 4 meninos, alunos da Escola Especial Paulista, com 4 cães co-terapeutas.

O estudo foi dividido em 5 fases. A primeira consistiu em 5 sessões sem a presença dos cães. A segunda, em 5 sessões com a presença dos cães. A terceira e a quarta fase revezaram a presença dos cães, ou seja, a terceira fase contava com a presença deles, porém, a quarta fase não. As observações para o estudo se basearam em verificar se era a criança ou o cão que iniciavam a proximidade e o contato físico e qual deles interrompia este contato.

Os resultados deste estudo mostraram que as crianças iniciaram o contato físico com os cães na grande maioria das vezes (98,7%), porém foi o cão que iniciou o aumento de proximidade na maior parte da sessão. Quanto à interação social, houve melhora, visto que houve pedidos das crianças de continuar as brincadeiras, aumento de vocalizações e sorrisos, juntamente com aumento no engajamento das atividades.

A participante L.S, era uma jovem de 15 anos diagnosticada com autismo severo. Na primeira sessão, a jovem apresentou estereotípias e evitava contato visual ou físico com o terapeuta. Não demonstrava interesse por nenhum brinquedo e apenas se auto estimulava com barbantes e plásticos. A jovem ainda possuía dificuldades de manter contato visual, baixa tolerância a interrupções e não apresentava iniciativa de interação social. Os objetivos da intervenção para L.S eram a ampliação de habilidades, imitação, percepção, coordenação motora ampla e fina, coordenação vasomotora e linguagem.

Em uma das sessões, a participante iniciou a estereotípia de *rocking*, fato este que foi utilizado pela terapeuta para iniciar uma atividade lúdica. Em certo momento, esta brincadeira foi estendida para o condutor do animal e para a própria cadela, sendo bem aceita pela participante.

No decorrer das sessões, L.S apresentou melhora em aceitar o contato da terapeuta e do cão, buscando-os tanto para brincar como para contato visual. Houve também, aumento da emissão de sorrisos, e de motivação para a realização de atividades.

Ao final do processo, grande melhora foi verificada em L.S. Nas primeiras sessões, ela ignorava a presença do terapeuta, apenas se isolando e auto estimulando. Porém, na última sessão realizava brincadeiras com o cão e com o terapeuta, chamando-os para a atividade e estabelecendo contato visual. Ainda neste sentido, a participante se mantinha engajada inicialmente apenas em comportamentos estereotipados que foram transformados em brincadeiras pela intervenção do terapeuta. O cão, sendo introduzido nesta dinâmica, possibilitou que a comunicação com o terapeuta fosse ampliada e facilitada.

Munõz observou que o TAA proporcionou alteração no padrão das brincadeiras de faz- de –conta, como brincar com o terapeuta de boneca. Concluindo que:

*“ A TAA é um outro enfoque que, contribui com a criação de janelas de oportunidade de comunicação com as crianças utilizando um componente lúdico e motivacional. ” (MUNÕZ, 2014, p.76-77)*

### **3.2 Os olhos que não veem**

A contribuição de animais em intervenções terapêuticas é amplamente abordada pela literatura sendo relacionada à depressão. Visando compreender este momento, pesquisas são direcionadas para diversos públicos verificando em que aspectos as melhorias são perceptíveis e efetivas. Ainda sobre este tema, a mídia tem dado ênfase e relacionando a entrada de animais em ambientes em que o diagnóstico de depressão é frequente. Para uma completa análise sobre a TAA, este item abrange todo o conteúdo literário e este importante assunto, que é a depressão, a fim de proporcionar melhor entendimento da relação homem- animal no estado depressivo.

Para o DSM V (American Psychiatric Association,2013), os transtornos depressivos abrangem o transtorno disruptivo da desregulação do humor,

transtorno depressivo maior, transtorno depressivo persistente, transtorno disfórico pré-mestruar, transtorno depressivo induzido por substâncias, transtorno depressivo devido a outra condição médica. As causas da depressão abrangem aspectos psicológicos e biológicos, tal como desequilíbrio na quantidade de serotonina no cérebro.

O tempo de duração mínimo para o diagnóstico dos transtornos depressivos é de pelo menos duas semanas, nas quais cinco ou mais sintomas deverão ocorrer. Entre os principais sintomas citados pelo Manual estão o humor deprimido, a perda de interesse em todas ou quase todas as atividades, a perda ou ganho de peso acentuada, a insônia ou hipersônia, a agitação ou retardos psicomotores, a fadiga, o sentimento de inutilidade, a diminuição de concentração, a ideação suicida. Os sintomas devem trazer prejuízos no funcionamento social ou sofrimento ao indivíduo e não devem ser decorrentes de outra substância ou condição médica.

O tratamento e sua intensidade tendem a variar de acordo com a gravidade de cada caso, porém, psicoterapias são sempre indicadas, podendo ser associadas com a utilização de medicamentos, indicação de exercícios físicos e atendimentos psiquiátricos.

### **3.2.1 Depressão e a Psicanálise**

Para a compreensão do assunto, é necessário diferenciarmos luto e melancolia de acordo com Freud.

O luto consistiria em um processo normal, que acontece em reação a não existência do objeto amoroso como ele era tido anteriormente, ou seja, o outro, o objeto de amor, não existe mais. O processo de luto consistiria em uma mediação da perda que impedisse que tal acontecimento fosse ignorado, resultando na entrada na psicose pela quebra de realidade, ou então aceitá-la. O trabalho de luto necessita que, além do reconhecimento da perda, que todos os vínculos libidinais entre o sujeito e o objeto de amor sejam desfeitos. (COSER,2003)

O quadro depressivo que acompanha o sujeito enlutado consistiria em uma reação do ego, gerando desinvestimento da realidade, a perda de interesse em qualquer outro objeto.

A manutenção do estado de luto caracterizaria o luto patológico, que seria a base para a melancolia. Neste processo patológico, o sujeito se sente intimamente influenciado pelo objeto perdido, podendo se considerar culpado pela perda, podendo gerar um conflito interno, tendo o sujeito que passa pelo processo de luto se colocando no lugar do objeto perdido e colocando em si mesmo, toda a sua raiva em relação esta perda (FREUD, 1917/1997).

Coser (2003) aponta que a principal marca da melancolia é a perturbação do sentimento de si, perturbação esta que não ocorre no luto. A melancolia consistiria então em uma perda ao Eu, perda esta que ameaça o ego, assim a melancolia seria uma neurose narcísica. Ainda segundo este mesmo autor:

*“[...] os laços que prendiam o sujeito ao objeto seriam um vínculo objetal, mas um vínculo objetal peculiar e contraditório, que, ao mesmo tempo em que mostra uma forte fixação ao objeto libidinal, revela uma fraca ligação ao objeto enquanto oposto ao sujeito” (COSER,2003, p.112)*

Desse modo, a perda sofrida pelo sujeito é a perda de um objeto que completava o ego. O sentimento referente ao objeto é um amor ao próprio ego, como uma tentativa de trazer o objeto de amor para o domínio do ego como uma totalidade. Porém, ao perder este objeto, o melancólico se identifica ao objeto perdido, gerando apatia e tristeza decorrente do outro que se foi.

### **3.2.2 TAA e a Depressão**

Pessoas em quadros depressivos tendem a isolar-se, não conseguindo realizar tarefas simples, não desejando sair de casa ou reativar suas interações sociais. Muitas vezes, se sentem o centro das atenções, achando que serão sempre julgadas, criticadas e não compreendidas, o que faz com que a vontade de ficar em casa e assim fugir de toda esta possível humilhação e vergonha aumente.

Às vezes, o tratamento medicamentoso não é o suficiente para a estabilização do quadro. É necessário que os efeitos emocionais de todos esses sintomas e gerados pela nova situação de vida do paciente sejam tratados. O paciente deve verificar e compreender-se de forma diferente e ampliada, valorizando a vida de forma positiva, valorizando suas emoções e as entendendo.

Segundo Dotti (2014) na TAA haverá troca de carinho, atenção, compreensão e sentimentos que serão compreendidos e correspondidos. O animal auxiliará sendo uma escuta para o paciente, uma escuta sem julgamento e crítica, diminuindo a sensação persecutória típica no diagnóstico e fornecendo segurança e apoio, estes não compreendidos adequadamente quando fornecidos por humanos. Ainda segundo o autor:

*“ A pessoa se sentirá protegida pelo animal, ao mesmo tempo fará dele os ouvidos e olhos que ele pode não ter. Ele não poderá brigar e nem culpar o animal pela fase que se encontra, ao contrário, precisará dele e o terá na maioria das vezes como um ser querido e amigo. ” (DOTTI,2014, p.175)*

A TAA propicia que se mude o foco dos problemas cotidianos, mudando também sua forma de encará-los. Através disto, o paciente pode desencadear novas situações que o permitam ver o mundo de um modo diferente.

O tratamento auxiliado por animais deve ser realizado de acordo com o gosto do paciente por animais, sua demanda e caso clínico. Sempre deve ser verificado o quanto esta intervenção pode favorecer o quadro e em quais aspectos isto ocorreria, planejando assim, o tipo de intervenção a ser realizada e os objetivos que se deseja alcançar. É importante que o paciente esteja envolvido e deseje se esforçar para se recuperar, caso contrário, a utilização do animal pode servir como uma fuga do paciente ao tratamento.

Ainda para o autor, os animais podem auxiliar no trabalho de muitas questões como a autoestima, autocontrole, senso de valor, mudanças para hábitos positivos e descentralização do eu, questões estas que podem ser trabalhadas no contexto psicoterápico.

*“A TAA dirigida pelos profissionais de psicoterapia pode acelerar o interesse do paciente em socializar-se e ocupar o seu lugar em seu meio. ” (DOTTI,2014, p.175)*

### 3.3 Estranhas Moradas

O presente item visa trazer aspectos teóricos e referências em pesquisas que cite a utilização de animais em instituições de saúde, tendo como foco principal hospitais e instituições para idosos. Ao se restringir a busca, pouca literatura sobre o tema foi encontrada, havendo apenas estudos de casos específicos. Os poucos artigos encontrados possuem conteúdos repetitivos, assim como os temas abordados e suas conclusões, não havendo variedade de assuntos e pontos para reflexão. Sendo assim, este item trará uma breve reconstituição das informações trazidas.

Como início é necessário apontar a legislação brasileira referente à entrada de animais em instituições de saúde. Segundo o Projeto de lei número 4.455 de 2012, é permitido o uso da TAA em hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde. Ainda neste projeto:

*“[...] sua prática será extremamente benéfica a todo o Sistema Único de Saúde, reduzindo, sobretudo, o período de internação dos pacientes, e acarretando efeitos colaterais positivos, como a redução dos custos do tratamento e risco de infecções por prolongada permanência no ambiente hospitalar, em razão da resposta mais rápida (em torno de 60%) à TAA, quando utilizada como tratamento adjuvante”.<sup>16</sup>*

A entrada na terceira idade é vista como um assunto delicado e temeroso para algumas pessoas. A sociedade atual tende a desvalorizar o idoso que deixa de ser produtivo para o sistema capitalista vigente, não sendo “útil” para a comunidade. Fora isto, o aumento da idade acompanha o aumento de doenças que prejudicam a parte cognitiva de muitos idosos, que acabam por necessitar de cuidados e se tornarem dependentes de familiares (DOTTI,2014).

A chegada à terceira idade também acompanha a tendência ao isolamento. Muitos idosos têm sua rede social diminuída devido à perda de amigos próximos e de idades semelhantes, de amigos que acabam por desenvolver doenças severas, como as de perda de memória, e tendem a ficar em instituições, se

---

<sup>16</sup> [www.camara.gov.br/sileg/integras/1030955.pdf](http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1030955.pdf)

isolando, ainda, de membros da família que continuam as suas rotinas e convivem pouco com os parentes de mais idade. Neste sentido, Dotti (2014) afirma que envelhecer bem é:

*“[...] estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro. A satisfação na velhice dependeria da capacidade de manter ou restaurar o bem-estar subjetivo, justamente em uma época da vida em que a pessoa está mais exposta a riscos e crises de natureza biológica, psicológica e social.” (NERI<sup>17</sup>, 2002, apud DOTTI, 2014, p. 101)*

Algumas características gerais podem ser encontradas na maioria dos idosos tais como fragilidade emocional e física, solidão, carência, tendências a reclamar, desejo de companhia e sentimento de rejeição pela sociedade. A presença de animais contribui para que algumas destas características sejam amenizadas pois a companhia animal incentiva a fala e a interação, estimula a memória e as emoções, possibilita movimentos físicos, gera a satisfação de necessidades básicas, promove prazer, socialização e retira o foco de doenças. (DOTTI, 2014)

Foi desenvolvido nos Estados Unidos em 1991 o primeiro programa que propiciava visitas de animais, como cães, gatos e coelhos em uma casa para idosos. De acordo com Dotti (2014), este programa, denominado Programa Eden, gerou a diminuição de prescrições médicas e a utilização de psicotrópicos. Já no Brasil, foi fundada no ano de 2000 a Organização Brasileira de Interação Homem- Animal Cão Coração, que visa melhorar a qualidade de vida, o bem-estar e o respeito ao idoso com visitas de animais em casas de repouso ou abrigos (KOBAYASHI *et al*, 2009).

O contato com animais permite que idosos recuperem muito aspectos que foram perdidos ao longo do tempo, tal como carinho, socialização, companhia e responsabilidade. Quanto à socialização, o animal se torna um primeiro elemento para que uma conversa surja, o que permite que o idoso adquira atenção de outros e estabeleça uma comunicação que fuja das preocupações

---

<sup>17</sup> Neri, A. Qualidade de vida e idade Madura, 2002.

dominantes, como doenças, sendo, portanto, um elo importante entre o idoso e a sociedade. A presença de um animal ainda possibilita que o idoso adquira responsabilidade sobre o ser que necessita de cuidado, criando uma rotina de interação e atividades voltadas ao animal. Uma destas ações são os passeios que podem ser realizados e que estimulam a movimentação física do idoso, e assim, melhoram seu condicionamento físico, pressão e batimentos cardíacos. A preocupação com o animal acaba por repercutir de diversas formas pois, ao ter que cuidar do animal e tê-lo sob sua responsabilidade, o idoso entende que ele acaba sendo seu dependente o que faz com que necessite se cuidar para poder ter e manter o animal ao seu lado.

Por diversas vezes, o contato entre pessoas na terceira idade e familiares e profissionais da saúde é difícil, criando a sensação de rejeição no idoso. O contato com um cão, ou qualquer outro animal, acaba por diminuir o medo de que esta rejeição volte a ocorrer, pois o contato com o ser vivo nunca ocorrerá de forma negativa, mas sim regradada de carinho e recepção. Sendo assim, e ainda segundo o autor:

*“ Temos algumas ligações e necessidades que são expressas de forma a colocar o animal de estimação como um catalisador para o preenchimento dessas necessidades. Nessa dinâmica o animal nos mostra um mundo novo, uma realidade que pode ser vivida e sentida de forma total”* (DOTTI. 2014,p. 108.)

O animal é um ponto de equilíbrio, um apoio que visa o encontro do idoso consigo mesmo.

No ambiente hospitalar, o processo de internação se constitui em uma experiência estressora, repleta de angústia, ansiedade, medo. A utilização da TAA neste contexto possibilita que ocorra melhor adaptação ao ambiente e a equipe, propiciando melhor qualidade de vida, autoestima e autoconfiança (ALUANI *et al*, 2014). Como é afirmado por Kobayashi (2009):

*“ A TAA traz consigo um aspecto importante de humanização, pois pode desconstrair o clima tendo do ambiente hospitalar, melhorar as relações interpessoais e facilitar a comunicação entre pacientes e equipe de saúde. ” (KOBAYASHI et al, 2009.p 633)*

Os benefícios da TAA em hospitais ainda são trazidos por Kawakami e Nakano (2002) que relatam que os pacientes que tinham contato com animais apresentavam menor prescrição médica de medicamentos, possuíam aumento de endorfina, minimizando efeitos depressivos, diminuindo, ainda, a solidão e a inibição.

### **3.3.1 Aspectos psicológicos**

O ambiente hospitalar e as diversas instituições para pessoas com mais idade possuem características em comum que afetam diretamente alguns aspectos psicológicos. Ao sair de seu lar e ir para um ambiente estranho, sem seus pertences e totalmente desconhecido, sensações de medo e angústia são despertadas. Isto é agravado por muitas vezes esta mudança estar envolvida com motivos de saúde, que poderão ou não serem investigados. A perda de referência ocorre não apenas pela mudança de local, mas também pela mudança de rotina, pois nesses ambientes há rotinas fixas que devem ser seguidas e são sempre orientadas e comandadas por outros profissionais, como enfermeiros e médicos. Ainda neste período, é deixado de lado as vontades e os hobbies para dar lugar a exames e atividades que são delimitadas pelas exigências dos hospitais. Por fim, o medo é agravado pela separação de familiares e amigos que podem permanecer junto com os idosos. Visando todos estes aspectos e acrescentando os sentimentos de ansiedade, insegurança, medo, falta de perspectiva o termo “ estranha morada” se torna adequado para retratar o novo endereço de moradia destas pessoas que, em nada, os reconhecem como seus.

A contribuição dos animais em hospitais e instituições para idosos podem ser amplas para a psicologia. Um primeiro ponto é a formação de vínculo. Em ambientes estranhos e hostis o paciente se apresenta desconfiado, temeroso e assustado, tendo dificuldades para se abrir e estabelecer contato com a equipe médica. O contato com o animal diminui o estresse gerado pelo ambiente,

fazendo com que o contato com profissionais seja facilitado, o que possibilita também que o psicólogo tenha acesso e possa criar mais facilmente um vínculo a fim de abordar aspectos importantes sobre a doença.

*“A comunicação é parte do tratamento do paciente e ficar conversando com ele, muitas vezes, é o próprio remédio. Entretanto, iniciar a comunicação às vezes é mais difícil do que mantê-la, dificuldade que parte tanto do enfermeiro como do paciente. Como é permitido utilizar qualquer meio para que a comunicação seja estabelecida, a TAA se torna um método válido, e Freud já utilizava seu cão durante suas consultas, pois a simples presença do animal ajudava a tranquilizar o paciente, que conseguia expor melhor seus problemas. O estranhamento dá lugar à descontração e o animal abre um canal de comunicação ( TELLHADO,2001, apud KAWAKAMI et al,2002)*

Ainda neste sentido, o animal desperta o autocuidado e a preocupação consigo mesmo nos pacientes, elevando e trazendo maior percepção sobre autoestima, autocuidado e autoconfiança, aspectos estes que são muito afetados no processo de internação e necessitam ser abordados para a melhora da qualidade de vida. O contato com animal em meio a outras pessoas é um potencializador para ocorrência de conversas com indivíduos estranhos, pois um tema surge em comum e é através deste que outros assuntos poderão ser formados. Este ciclo acaba por facilitar a socialização do indivíduo, o que é visto como positivo, evitando sintomas depressivos.

Por fim, há alguns pacientes que necessitam de treino ou avaliação de memória, percepção sensorial e emocional. Para que tal trabalho ocorra os animais são vistos como pontos cruciais que facilitam para o psicólogo realizar e incentivar tais aspectos através do contato entre paciente e animal.

#### **4. A visão da Psicanálise**

Para compreender como o contato homem- animal pode beneficiar os sintomas e a qualidade de vida dos pacientes, afim de trazer melhorias para o bem – estar, a psicanálise será abordada para aprofundar o modo como estas relações são formadas e estabelecidas fortemente. Afim de propiciar esse entendimento, será apresentada a concepção freudiana sobre objetos e transferência, importantes no contexto psicoterapêutico, a perspectiva de Winnicott para compreender os animais como objetos transicionais e a Teoria do Apego, a fim de aprofundar o tema do vínculo.

##### **4.1 Objeto e transferência: o papel do animal**

A análise da interação homem e animal, assim como a forma como esta ocorre e os seus motivos, sob a ótica da Psicanálise só se torna possível através da compreensão de alguns conceitos fundamentais. Visando abranger e aprofundar esta discussão, o presente item abordará algumas teorias desenvolvidas por Freud que serão necessárias para a compreensão do conceito de objeto desenvolvido pelo autor.

Sigmund Freud foi um médico neurologista formado pela Universidade de Viena. No decorrer de sua carreira trabalhou com pacientes histéricas, abordando a técnica da hipnose. A partir de então, diversos conceitos foram sendo desenvolvidos tomando como base a existência do inconsciente, assim como aceitando a sexualidade infantil, até aquele momento negada pela ciência. Sendo considerado como “Pai da Psicanálise”, Freud desenvolveu diversas teorias tais como narcisismo, auto- erotismo, repressão, transferência, associação livre, entre outros. Alguns a serem apresentados a seguir, e correlacionados com a TAA no final deste item.

Com o intuito de abordar as relações objetais para compreender a interação homem- animal, será iniciado a apresentação do conceito de pulsão. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud conceitua a pulsão:

*“Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico.”(FREUD,1901-1905/1997,p.63)*

Sendo assim, a pulsão poderia ser considerada como um representante psíquico dos estímulos originados dentro do organismo e que alcançam a mente (FREUD, 1997). Nas pulsões há quatro elementos dinâmicos envolvidos, a pressão, a finalidade, o objeto e a fonte. Neste item nos interessa, particularmente, o conceito de objetos, que do ponto de vista de Freud:

*“[(...)] é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável numa pulsão e, originalmente, não está ligada a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação[(...)]. Pode acontecer que o mesmo objeto sirva para a satisfação de várias pulsões simultaneamente[(...)” (FREUD,1914-1916/1997, p.30)*

Ainda no que se refere ao termo objeto, Laplanche e Pontais (1991) tratam-no o termo como correlativo de pulsão e como correlativo de amor. O primeiro estabelece que objeto é aquilo em que e por que se procura atingir a satisfação, podendo ser um objeto real, fantasístico, parcial ou real, sendo marcado por características singulares e pela história do indivíduo. Já o segundo faz referência a relação da instância do ego com um objeto.

Aprofundando o conceito sobre pulsão e relacionando com a infância, Freud estabeleceu o auto-erotismo, no qual seria encontrada a satisfação em algumas

zonas erógenas do próprio corpo, sendo tais pulsões conhecidas como pulsões parciais e estão relacionadas a uma zona erógena determinada, o que faz com que o bebê desenvolva uma relação peculiar com o objeto em cada uma das fases pré-genitais (oral, anal e fálica).

A partir da conceituação de pulsão parcial, Laplanche e Pontalis (1991) estabelecem que objetos parciais são:

*“ Tipos de objetos visados pelas pulsões parciais, sem que isso signifique que uma pessoa, no seu conjunto, seja tomada como objeto de amor. Trata-se principalmente de partes do corpo, reais ou fantasísticas (seios, fezes, pênis), e dos seus equivalentes simbólicos. Até uma pessoa pode identificar-se ou ser identificada com um objeto parcial. ” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.325)*

A relação do sujeito com o objeto se caracteriza, portanto, através da relação com o destino das pulsões, tendo as fontes destas, localizadas nas zonas erógenas correspondentes. (DELARISSA,2003). Sendo assim, no auto-erotismo, a satisfação ocorre através do próprio corpo, sem recorrer a um objeto exterior.

*“Se é verdade que se pode dizer que o auto-erotismo não tem objeto, não é porque apareça antes de qualquer relação com um objeto, nem mesmo porque com a sua chegada qualquer objeto deixe de estar presente na busca de satisfação, mas apenas porque o modo natural de apreensão do objeto se acha clivado: a pulsão sexual separa-se das funções não sexuais (a alimentação, por exemplo) nas quais se apoiava e que indicava a sua meta e o seu objeto. ” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p. 48)*

Procurando compreender o investimento da libido nos objetos já descritos, uma breve descrição do narcisismo será realizada. Esta fase do desenvolvimento infantil denominada narcisismo, é explicada por Freud:

*“ O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Essa fase equidistante entre o auto-erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas pessoas se demoram por tempo inusitadamente longo nesse estado e que muitas de suas características são por elas transportadas para os estádios posteriores de seu desenvolvimento. “ (FREUD 1914-1916/1997,p.45)*

A energia derivada da transformação da pulsão ao objeto visado, ou seja, da satisfação que leva à supressão da tensão interna, é chamada de libido. A libido possui como reservatório o ego, pois, segundo Freud (1997/1914-1916) a libido investida nos objetos, pode ser deles retirada, de modo a criar um equilíbrio entre libido do ego e libido objetal.

Em crianças, a libido começa a ser investida no próprio ego – narcisismo primário, sendo que, em um segundo momento, a libido passa a ser investida em objetos externos. No momento em que o sujeito retira a libido investida em objetos e a anexa ao seu ego novamente, ocorre o narcisismo secundário.

Outro processo evidenciado por Freud na teoria por ele desenvolvida e que também necessita ser abordado e relacionado com o relacionamento homem-animal é a transferência.

Segundo Laplanche e Pontalis (1991) o termo transferência:

*” Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente no quadro da relação analítica”. (p.512)*

Ainda neste mesmo sentido :

*“ A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico,*

*pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este. ” ( p.514)*

Portanto, o processo de transferência se refere aos casos e momentos aos quais o paciente transfere para a pessoa do médico representações inconscientes. É possível distinguir dois tipos de transferência, a positiva, na qual se transfere em relação ao terapeuta sentimentos ternos, e uma transferência negativa, relacionada aos sentimentos hostis.

A aparição da transferência no decorrer da análise se mostra presente e positiva em processos psicoterápicos, desempenhando importante função no tratamento, e devendo ser usado pelo psicólogo como um importante instrumento para se alcançar o objetivo terapêutico.

*“A transferência, tanto na sua forma positiva como na negativa, entra a serviço da resistência; mas nas mãos do médico torna-se o mais poderoso dos instrumentos terapêuticos e desempenha um papel que não pode deixar de ser hipervalorizado na dinâmica do processo de cura” (FREUD,1914-16/1997,p.439)*

Tomando tais aspectos por base, no tratamento terapêutico que conta com a participação de um animal pode ocorrer o processo de transferência tendo como objeto o próprio animal (LEVINSON, 1969). Delarissa (2003) aponta que a criança considera o animal como um ser sem diferenças com os humanos, o que possibilita que possa ocorrer mais facilmente a projeção de seus sentimentos sobre eles, sendo emoções ternas ou hostis.

Para Levinson (1969) uma transferência profunda com o terapeuta infantil pode suscitar conflitos vistos como ameaçadores. Para evitar este acontecimento, a relação terapêutica deve ser iniciada com o estabelecimento do vínculo com o animal, pois este, por ser menos ameaçador, torna viável a terapia.

Quanto a transferência de sentimentos hostis, o animal possibilita que estes possuam como objetos a si próprios, “protegendo” o terapeuta deste processo e permitindo que sua atuação e intervenção ocorra mais facilmente.

*“ O animal como co-terapeuta pode defletir em sua direção os sentimentos negativos que a princípio seriam transferidos ao terapeuta. Nesse sentido, em relação ao terapeuta, talvez o animal funcione como um “para-transferências-negativas”. Isso talvez possa ajudar a estabelecer uma interação terapêutica menos marcada por agressividade” (DELARISSA, 2003,p. 116)*

Portanto, o processo de transferência ocorrido em *settings* terapêuticos restritos apenas entre paciente e terapeuta, pode também ocorrer com a presença de um animal, e tendo este como objeto transferencial. Esta presença, se torna, portanto, um facilitador para o trabalho do terapeuta assim como para a representação e projeção de conteúdo dos pacientes.

Retomando os conceitos de objeto apresentados e unidos ao processo de transferência e tendo por base o já trazido por Freud de que as crianças não veem distinção entre seres humanos e seres- não humanos, temos que com o decorrer do crescimento e convívio com animais, a criança tende a percebê-los como seres que se movimentam, acolhem e emitem sons facilmente aprendidos por elas. Com isto, é ampliada a percepção de que o mundo não é formado apenas pela mãe e pelo pai, mas sim por seres, compreendidos como possíveis seres humanos pelos bebês, além da constelação familiar. O contato com o animal, juntamente com a não diferenciação entre animal e bebê, possibilita que a criança transfira conteúdos relacionados às suas figuras parentais ao animal. Portanto, o cachorro, ou qualquer outro ser vivo, passa a se tornar um objeto receptor de conteúdos vindos do bebê.

Juntamente à recepção de conteúdos inconscientes, temos que o animal também pode ser visto como uma fonte de carinho e atenção, não se tornando um ser hostil ou ameaçador frente as demandas do sujeito. Desse modo, o animal pode ser visto como um objeto que satisfaz as necessidades e demandas, um objeto pelo qual se alcança a satisfação, um objeto real e externo.

No momento no qual a criança compreende o animal como um objeto supressor de necessidades, tem sua libido voltada para ele, ou seja, a libido do sujeito se volta para o objeto externo, o animal. Ao mesmo tempo, conforme o sujeito vai percebendo que o animal não obedece apenas às suas vontades, mas possui

vontades próprias, realizando ações do desejo do animal, o pensamento onipotente do sujeito vai se modificando, o que permite que o paciente possa se inserir no mundo dos objetos.

*“Á medida que a onipotência de pensamentos vai ruindo ao contato com a realidade, o animal deixa de flutuar nesse campo fantasioso, e a criança se torna capaz de percebê-lo como um objeto externo. ” (DELARISSA,2003,p.313)*

Concluindo, a presença de um animal no *setting* terapêutico possibilita que diversos conteúdos possam ser transferidos para ele, possibilitando ao terapeuta a compreensão desta relação e então a intervenção. Tal fato só pode ser realizado pelo fato do animal ser considerado como um objeto para o paciente, objeto este externo e que, em certa medida, possibilita que algumas necessidades sejam supridas, ao mesmo tempo que mostra ao sujeito que sua onipotência não existe, inserindo-o no mundo dos objetos externos.

#### **4.2 Animais como objetos transicionais**

Um dos principais autores da teoria psicanalítica é Winnicott. Este trabalho delimita, entre todos os inúmeros conceitos desenvolvidos por este brilhante autor psicanalítico, a relação do sujeito frente a possíveis objetos, denominados por ele como objetos transicionais. Tal teoria possui como relação a criação do vínculo estabelecido entre o sujeito e o mundo externo, ou no caso desta pesquisa, dos animais, procurando, portanto, compreender o porquê da formação deste vínculo e sua manutenção.

Segundo Winnicott,(1971) há a existência de um espaço entre o uso de zona erógenas orais e a primeira relação objetal. Nesta, o objeto é caracterizado como o “não-eu” ainda pertencente à realidade externa. A relação aqui destacada é utilizada como defesa contra as ansiedades apresentadas pelos bebês e é denominada como fenômenos transicionais, enquanto que o objeto utilizado contra a ansiedade, que pode ser um brinquedo, cobertor, etc, é chamado de objeto transicional.

O objeto transicional é a primeira posse da criança, sendo ainda, o momento em que a criança passa a compreender a mãe como indivíduo separado, não fazendo parte de si mesmo, diferenciando então o eu e o outro.

*“Quando o simbolismo é empregado, o bebê já está claramente distinguido entre fantasia e fato, entre objetos internos e objetos externos, entre criatividade primária e percepção. Mas o termo objeto transicional, segundo minha sugestão, abre campo ao processo de tornar-se capaz de aceitar diferença e similaridade. Creio que há uso para um termo que designe a raiz do simbolismo no tempo, um termo que descreva a jornada do bebê desde puramente subjetivo até a objetividade, e [(...)] o objeto transicional é o que percebemos dessa jornada de progresso no sentido da experimentação”. (WINNICOTT,1975, p. 17-18)*

Sua importância está relacionada ao fato de que possibilita o contato da psique do indivíduo com a realidade externa, tendo a perda deste como propiciador da perda da criatividade e percepção objetiva.

Segundo Delarissa (2003,p.313):

*“A presença de um objeto transicional na vida de um bebê indica a passagem para o simbolismo. Do ponto de vista do observador, o objeto transicional é um símbolo de um aspecto da experiência de ambiente do bebê. No entanto, isso não significa que ao usar um objeto transicional o bebê atinja a capacidade de usar os símbolos; ao contrário, ele está prestes a usar os símbolos. Deste modo, o objeto transicional aponta para a existência de um estágio de transição do desenvolvimento, que parte da relação de objeto chegando até o uso do objeto”.*

Winnicott (1975) destaca algumas características que são atribuídas ao objeto transicional pelo bebê, e que serão de grande importância para compreensão da relação animal. Em primeiro lugar destaca-se o fato da criança assumir completo direito sobre o objeto, sendo que este deve ser acariciado e amado com excitação e mutilação. O objeto deve ser imutável, sobrevivendo ao amor e ao ódio fornecidos pelo bebê. Sua forma deve fornecer calor, movimento ou textura, ou mostrar aspectos que deixem explícito sua realidade própria, não sendo ainda

visto como vindo de fora, do ponto de vista do bebê, mas também não sendo visto de dentro. Com o decorrer do tempo, espera-se que o objeto transicional perca seu significado, se diluindo na área entre o mundo interno e o mundo externo, não sendo, ainda, esquecido.

Retomando as informações acima e focando nos animais de estimação, tem-se que estes atendem a alguns traços importantes nesta caracterização da relação de significado que pode existir entre o bebê e o objeto transicional. Os animais sobrevivem às interações com as crianças, sejam elas baseadas em agressões ou em demonstrações de amor, possuindo movimento, fornecendo calor e textura, pela existência de pelos macios, como em cães e gatos. Diante de toda a relação existente entre ambos os seres se tem a demonstração contínua de respostas de companheirismo e afeto por parte dos animais, juntamente com comportamentos que demonstrem sua própria existência. Todos estes aspectos demonstram o quão possível o animal de estimação pode ser tomado pela criança como um objeto transicional, podendo inclusive diminuir e propiciar a superação da ansiedade de separação da figura materna. Segundo Corson e Corson<sup>18</sup> (1980) (*apud* DELARISSA, 2003) a grande e rápida aceitação da companhia de um animal de estimação ocorre pela necessidade de se ter um substituto dos pais, sendo este controlável diante da vontade da criança.

Um aspecto adicional que favorece a conclusão da possibilidade de utilização de animais como objetos transicionais é mostrado por Delarissa (1997) que aponta que uma criança não encontra diferença entre a sua natureza e a dos animais, podendo transferir emoções sentidas em relação aos progenitores aos próprios animais, como o que é analisado no relatado no caso Hans, de Freud, em que o jovem transferiu o medo sentido pelo pai ao cavalo.

#### **4.3 O apego e os animais**

Para se começar o estudo do vínculo entre a relação homem- animal e a psicanálise é importante apresentar uma breve introdução sobre a Teoria do Apego. Este conceito se apresenta como uma base de algumas teorias psicanalíticas que possibilita ter maior compreensão sobre a proximidade que o

---

<sup>18</sup> Corson, S, Corson E. Ethology and nonverbal communication in mental health, 1980.

ser humano necessita estabelecer com outros indivíduos ou ainda objetos e animais.

A Teoria do Apego desenvolvida pelo psiquiatra John Bowlby em 1989 se pautou no estudo das influências no desenvolvimento da personalidade de crianças na primeira infância a partir do cuidado materno adequado ou inadequado.

Segundo a teoria, os bebês emitem comportamentos que eliciam atenção e cuidados, visando manter a aproximação do cuidador. Assim, a ideia de que a alimentação seria a razão pelo qual a criança desenvolve um forte laço com a mãe é substituída pela ideia de segurança, na qual o contato com a mãe é visto como uma função de proteção.

Partindo disto, o comportamento de apego é definido como:

*“Qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo” (BOWLBY, 1989, p.38.)*

Assim os comportamentos de apego são aquelas condutas inatas realizadas pelo bebê que promovem o estabelecimento da proximidade com sua principal figura provedora de cuidado. A presença desta figura favorece o comportamento de exploração pela criança, uma vez que esta vê a figura de proteção como uma “base segura” a partir da qual pode explorar o local.

A Teoria do Apego pode ser caracterizada a partir de alguns tópicos. O primeiro refere-se à especificidade para uma ou algumas pessoas para quem o comportamento de apego é dirigido. Em seguida, a duração do comportamento, que se mantém por grande parte do ciclo vital. O envolvimento emocional, assim como a ontogenia se mostram importantes, uma vez que este mostra que o comportamento de apego se desenvolve nos primeiros nove meses de vida e quanto maior forem as interações com uma determinada pessoa, maior será a probabilidade de que esta seja a figura protetora e geradora de cuidados. O apego se desenvolve apesar das experiências de punição, possuindo um

sistema comportamental que é iniciado por estímulos como fome e sono, sendo finalizado por contato físico, por exemplo.

Sobre o comportamento parental, do cuidador, tem-se que este deva ser capaz de responder de forma flexível aos diversos estímulos que podem ser apresentados, possuindo conhecimento adequado da melhor forma de cuidar, com empatia e disponibilidade. Segundo Lantzman(2012), na presença de um bebê, os adultos apresentam automaticamente um padrão de comportamentos interativos, como sorrir. As características infantis que geram esta reação são conhecidas como Mecanismos Liberadores Inatos (IML) de afeto e cuidado em humanos adultos, podendo estar presente não apenas em bebês humanos, mas em todos aqueles que necessitem de proteção.

Deste modo, tal característica de vinculação pode ser notada também em animais adultos, como no contato entre homem e cão. Os cachorros seguiram um padrão de evolução que consistiu em apresentar características físicas e comportamentais que pudessem eliciar o comportamento de prover cuidados dos humanos para com eles.

*“ Quando vemos uma criatura viva com característica de bebê, somos acometidos por um surto automático de ternura desarmante...respondemos a um conjunto de traços específicos que atuam como liberadoras”*

( GOULD<sup>19</sup>, 1989, *apud* LANTZMAN, 2012, p.5)

---

<sup>19</sup> Gould,J. Learning by instinct, 1989.

## **5. Discussão e Considerações Finais**

O relacionamento homem- animal vem se desenvolvendo durante anos. Porém, foi ao longo das últimas décadas que esta relação criou força e se intensificou. Na atualidade é comum encontrar espaços específicos para quem deseja sair com seu animal, produtos dos mais diversos tipos para os bichos, como jaquetas e camas, ou seja, a presença do animal juntamente ao seu dono foi reconhecida socialmente. Este fato ocorre pela percepção de que os animais apresentam espaço nas famílias, tais como os próprios membros, mostrando haver grande importância e consideração por eles.

A importância da presença dos seres não humanos para os humanos foi percebida, no entanto, há muitos anos atrás. Os pioneiros na compreensão desta relação foram Levinson e Nise da Silveira, por volta dos anos 60, que introduziram os animais em hospitais psiquiátricos verificando melhorias nos estados gerais de seus pacientes. Desde então, após uma longa pausa no caso do Brasil, diversos tipos de intervenções em várias situações e contextos diferentes puderam contar com a presença de cães, gatos, coelhos, cavalos, entre outros animais.

A TAA se mostrou eficiente com relação a aspectos físicos e fisiológicos nos pacientes, gerando a diminuição do estresse, pressão arterial, problemas cardíacos. Ainda são percebidas melhoras na comunicação, diminuição do isolamento, melhoras na auto percepção e autocuidado. A presença de um animal faz com que a responsabilidade por este aumente, necessitando que seu dono ou cuidador fique atento às suas necessidades, o que faz com que atividades físicas, por exemplo, sejam realizadas.

A presença de um animal ainda possibilita que interações com desconhecidos ocorram, aumentando a comunicação e diminuindo o isolamento, o que contribui para que assuntos recorrentes nas vidas de seus cuidadores, como doenças, fiquem em segundo plano, ou sejam momentaneamente esquecidos.

Os autores abordados neste trabalho, que trouxeram contribuições à psicanálise, possibilitam a compreensão de como é possível a formação do vínculo homem- animal, assim como o fato dos animais serem objetos para as diversas demandas conscientes e inconscientes dos humanos. Como Freud e

Levinson afirmaram anteriormente, a criança considera os animais semelhantes a ela, sem grandes e importantes diferenças, o que faz com que seja possível a projeção de conteúdos sobre eles. Fora isto, Winnicott nos traz que o animal pode suprir necessidades que o sujeito venha a ter, assim como ocorre com ansiedades e angústias, o que torna possível o animal ser compreendido como um objeto transicional.

Pensando no conceito de transferência de Freud e relacionando com a psicoterapia observamos que o animal possibilita que sentimentos hostis que, sem sua presença seriam transferidos para o terapeuta, sejam transferidos a si, o que faz com que a compreensão do terapeuta a respeito dessa problemática, assim como sua ação terapêutica, sejam realizados de forma diferenciada, favorecendo o tratamento. No caso de crianças, o contato e a projeção iniciada com a presença do animal diminui a possibilidade de uma relação muito intensa e talvez ameaçadora, na visão da criança, com o terapeuta.

Os casos específicos estudados, autismo, depressão e instituições de saúde, possibilita a compreensão do relacionamento com o animal de uma forma que leve em consideração os aspectos psicológicos. Em um ambiente estranho, muitas vezes gerador de medo e angústias, a presença do animal diminui a hostilidade do local, trazendo à tona atividades com ele que não envolvam procedimentos médicos, diminuindo o estresse e a tensão. Ao mesmo tempo, o animal facilita que profissionais da saúde acessem os pacientes de forma mais eficiente e gerando menos apreensão, possibilitando a criação de vínculos que serão importantes para o tratamento.

Nos casos em que o sujeito possui uma história de vida na qual tem medo da interação com outros, ou ainda passou por situações nas quais foi ignorado ou desrespeitado, o animal possibilita que um primeiro contato ocorra, para que, em seguida, o terapeuta possa se aproximar, pois, o animal demonstra que nem todas as relações serão geradoras de emoções e situações negativas, abrindo espaço para que novas interações ocorram.

Visando o processo de psicoterapia em si, a contribuição do animal pode ser efetiva em diversos casos clínicos diferentes. O cuidar do animal possibilita a percepção de dependência mútua e compreensão de que todos, de alguma forma, dependem uns dos outros, necessitando manter relações e ter suas

necessidades satisfeitas, mostrando ainda, que não é possível viver só e que nem todas as relações sociais estabelecidas serão negativas e aversivas. Assim, o animal faz com que características que, sem sua presença seriam dificilmente abordados como autopreservação, mudanças de hábitos e descentralização do eu, sejam trabalhados no processo terapêutico, aumentando o engajamento do paciente no seu cuidado e na terapia em si.

Ao se tratar pacientes que possuam dificuldades em lidar com suas emoções, reconhecê-las ou se comunicar, o animal pode ser um ótimo facilitador, podendo projetar sobre ele ou até inferir o que ocorre consigo e com o animal, aprendendo a nomear e diferenciar emoções. Nos casos em que se deve trabalhar aspectos cognitivos, de memória e percepção sensorial a presença de um animal se mostra como uma fonte de diversas possibilidades de atuação, propiciando a estimulação sensorial pelo cuidado com o animal, exploração do ambiente em passeios, memorização de atividades da rotina, entre diversas outras formas possíveis.

Desse modo, em casos mais complexos, nos quais o acesso ao paciente pelo terapeuta se mostra dificultado ou ainda em ambientes hostis que prejudiquem a formação de vínculo, a presença de um ser não humano pode facilitar o contato e a formação do vínculo com o paciente, tornando o ambiente menos estressor e avaliativo, propiciando maior comunicação e interação.

O animal passa a ser uma escuta sem julgamento para o paciente, não se tornando uma ameaça ou uma possível fonte de punição. Na verdade, sua presença é vista como uma fonte interminável de amor e carinho incondicional, fornecendo apoio e segurança em ambientes desconhecidos e nunca retribuindo com frustrações ou conflitos. Assim, não há dúvidas dos benefícios que a presença de animais em ambientes de intervenção ou em situações estressoras podem trazer aos pacientes, familiares e terapeutas.

No Brasil, a TAA é um tema e uma prática pouco utilizada. Na Europa, Estados Unidos e Canada são amplamente estudados e difundidos. O animal, principalmente o cão, nestes locais, não são utilizados exclusivamente em visitas hospitalares, mas sim em processos psicoterapêuticos e em diversos ambientes, como em escolas, tendo seus efeitos comprovados. No Brasil, poucos estudos a respeito foram realizados, sendo que, os que já existem, possuem muitas

referências repetidas, abordando, em sua maioria, estudos de casos específicos e não a TAA de uma forma geral e aprofundada. No que se refere à Psicologia, poucos estudos abordam a possibilidade da contribuição de animais em intervenções terapêuticas, havendo mais estudos em outras áreas da saúde como terapia ocupacional e enfermagem.

Os benefícios trazidos pela TAA a pacientes e familiares é comprovado cientificamente e difundido ao redor do mundo, porém, no Brasil, grande resistência é encontrada em relação a este tema, principalmente pelos profissionais da saúde. É necessário compreender e espalhar a ideia da humanização no tratamento, e com esta a possibilidade da utilização de animais. Além do simples fato da interação homem animal, é necessário que profissionais da saúde conheçam os benefícios que esta relação possa estabelecer, para que assim, a prática possa ser difundida e recomendada. Outro aspecto importante de ser ressaltado é o fato de que a TAA não é indicada para qualquer pessoa e qualquer animal, na verdade, é necessário que se respeite a vontade e a simpatia que o paciente possui ou não com animais, ao mesmo tempo que o gênio do animal e seu comportamento, assim como saúde, devem ser levados em consideração para uma intervenção precoce.

Desse modo, novas pesquisas devem ser realizadas com o intuito de aprofundar o tema e possibilitar a difusão do assunto e da prática na dinâmica do país. A TAA possui sua eficácia comprovada e, quando realizada de acordo com todas as suas normas de higiene e respeitando as vontades dos pacientes, tendem a trazer muitos benefícios ao tratamento e ao sujeito em si. Na psicologia, outras abordagens além da psicanálise podem analisar a dinâmica homem- animal e compreender a forma como esta ocorre e os motivos pelos quais é positiva. A Psicologia Analítica, por exemplo, poderia compreender de acordo com o significado que cada animal possui para os humanos, verificando as imagens arquetípicas e suas possíveis interpretações. Já a Análise do Comportamento pode buscar compreender os casos clínicos nos quais o paciente passou por diversos casos de hostilidade e julgamentos e, tem através da presença do animal, o seu contato com humanos estabelecido novamente, sendo retirado da extinção e diminuindo a sensação persecutória.

A intenção do presente trabalho era avaliar as reais eficácias da presença do animal em intervenções terapêuticas e compreender o motivo desta relação ser tão forte. É possível concluir, que tais objetivos foram cumpridos, já que esta pesquisa encontrou argumentos comprovando cientificamente que a presença e interação de um animal melhora diversos aspectos, tanto fisiológicos como psicológicos, do ser humano. Ainda, foi demonstrado que tal relação se baseia em conceitos básicos da psicanálise, como projeção, uso de objetos transicionais e a relação do apego. Pesquisas empíricas ainda devem ser realizadas aprofundando o tema e há o desejo de continuação deste trabalho com o desenvolvimento de um Mestrado tendo como base um estudo de caso, analisando o tratamento psicoterapêutico de um paciente com paralisia cerebral com a presença de um animal seguindo os princípios da psicanálise já registrados neste trabalho. Como outro possível tema de estudo, há o envolvimento de pacientes esquizofrênicos com animais, tema este inicialmente desenvolvido por Nise da Silveira no Brasil. Por fim, ainda é de interesse compreender a relação e o vínculo formado em pessoas que tomam os animais como seus filhos, compreendendo o papel e o espaço que o animal ocupa em uma família e o luto decorrente de sua perda.

## 6. Referências

- ALUANI, E. *et al.* A Contribuição do Cão Terapeuta no Ambiente Hospitalar. *Anais do Congresso Internacional de Humanidades e Humanização em Saúde*, São Paulo: Bluncher, 2014.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM - 5* (5ª. ed.). Arlington, VA.
- BOWLBY, J. As origens do apego. In: *Uma base segura:aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.
- CASTRO, L. *Terapia assistida por animais como recurso terapêutico no atendimento a crianças enlutadas*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CAETANO, E. *As contribuições da TAA – terapia assistida por animais á psicologia*. Criciúma, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense.
- Catraca Livre, Animais de estimação podem visitar seus tutores doentes neste hospital. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/mundo-animal/indicacao/animais-de-estimacao-podem-visitar-seus-tutores-doentes-neste-hospital/>> . Acesso em 3 Maio, 2016.
- COSER, O. *Melancolia e depressão na psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.
- CRIPPA, A; COSTA, G; FEIJÓ, A. Atividade assistida por animais na pediatria. *Revista de AMRIGS*, Porto Alegre, 59 (3) p.243-247, jul./set.2015.
- DELARISSA, F.A. *Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal*. Assis, 2003. Dissertação de Mestrado em Psicologia na Universidade Estadual de São Paulo
- DOMINGUES, C. *Terapia fonoaudiológica assistida por cães*. São Paulo: Educ, 2010

- DOTTI, J. *Terapia e Animais*. São Paulo: Livrus, 2014
- FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, v. XII
- \_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997[1901(1905)], v. VII
- \_\_\_\_\_. *Luto e melancolia*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997 [1915(1917)], v. VII
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997 [1914(1916)], v. XIV.
- \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997[1917(1920)], v. XVIII.
- KAWAKAMI, C; NAKANO, C. *Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA)- mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro*. São Paulo, 2002.
- KOBAYASHI, C. et al. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília. 62(4) p. 632-636, jul./ago. 2009
- KUPFER, M. in KAMERS, M.; VOLTOLINI, R. (Org.). *Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência*. São Paulo: Escuta, 2015.
- LACERDA, J. *Efeitos da participação de um cão em sessões de terapia sobre o comportamento social de crianças com autismo*. São Paulo, 2014. Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental na Universidade de São Paulo
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LAMPREIA, C (2013). *Autismo: manual ESAT e vídeo para o rastreamento precoce*. Rio de Janeiro: Editora PUC- RIO.

- LANTZMAN, M. *O apego*. 2012.
- LEVINSON, B. *Pet-Oriented Child Psychoterapy*. Springfield: Charles C. Thomas, 1969
- MACHADO, J. *et al.* Terapia assistida por animais (TAA). *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, Graça, n 10, 2008. Disponível em :< [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/yBDakPBzygjaglw\\_2013-5-28-12-0-12.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yBDakPBzygjaglw_2013-5-28-12-0-12.pdf)> . Acesso em 5 Maio, 2016.
- MCCARDLE, P. *et al.* *Os animais em nossa vida*. Campinas: Papyrus, 2013.
- MUNÕZ, P. *Terapia Assistida por Animais- interação entre cães e crianças autistas*. São Paulo, 2014. Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental na Universidade de São Paulo.
- Projeto Pelo Próximo, Dra Nise da Silveira a pioneira da terapia animal no Brasil. Disponível em: <<http://peloproximo.blogspot.com.br/2009/08/dra-nise-da-silveira-pioneira-da.html>> . Acesso em 23 Março, 2016.
- Psiquiatria Geral, Animais Terapeutas. Disponível em: <[http://www.psiquiatriageral.com.br/terapia/animais\\_terapeutas.htm](http://www.psiquiatriageral.com.br/terapia/animais_terapeutas.htm)> . Acesso em 10 Maio, 2016.
- RAMOS, D. *Os animais e a psique*. São Paulo: Palas Athenas, 1999.
- SILVEIRA, N. *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982
- VACCARI, A; ALMEIDA, F. *A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas*. *Einstein*, São Paulo 5(2) p111-116, 2007.
- WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975z.

## **Anexo**

Acerca de um ano e meio tive uma vivência pessoal em um hospital infantil, em que passei por momentos de tensão e nervoso. Já havia estado neste mesmo local como voluntária, mas como paciente o contexto tornou-se muito mais real e assustador. Certo dia, enquanto aguardava um procedimento em um familiar me vi só e extremamente angustiada em um quarto pequeno, sem barulho e com as horas correndo devagar. Um bater na porta trouxe um pequeno momento de alegria, os cães terapeutas estavam no andar. Era um golden, lindo, limpo e bem comportado que se encontrava deitado no corredor com sua dona, as crianças se amontoavam ao redor dele, algumas com acesso venoso, outras acompanhando seus irmãos, ou ainda esperando por procedimentos. Os pais estavam juntos, faziam carinho e incentivavam os filhos a ficarem perto, acariciarem. Aos poucos iam surgindo sorrisos, risadas, felicidade no rosto de cada um daqueles pacientes e, em meio a todo este contexto estava eu, anteriormente angustiada e sozinha em um quarto e agora rodeada de alegria, como se um universo paralelo fosse formado naquele corredor. Todos se esqueciam que estavam em um hospital, das dores e sofrimentos que já haviam passado e que ainda iam passar e se focavam apenas naquele cão que fazia/recebia aquilo que mais gostava, carinho, muito carinho. Pude perceber que, não importando o que estava acontecendo, aquele pequeno ser trouxe alegria a todos, inclusive a mim, podendo sair da minha zona de angústia e perceber que ainda era possível ter esperança e alegria. A partir deste momento, pude notar que os animais realmente fazem muito mais por nós, humanos, do que podemos imaginar, principalmente pelas crianças, e que talvez, sua presença e interação pudesse ser um fator muito importante que, atingindo e lidando com a subjetividade de cada um, poderia contribuir para a cura ou para uma melhor condição de vida.

O tempo passou, e alguns meses depois pude ganhar uma pequena filhotinha, Bella, que, mais uma vez, veio em meio a um péssimo momento familiar, novamente repleto de angústia e sofrimento, hospitais e notícias negativas, até que o pior chegasse a ocorrer. Porém, estando em um hospital, no pior contexto possível, só conseguia pensar nela e em toda alegria que ela estava trazendo a mim e a minha família. Era como se, ao passar a porta de casa todos os

problemas ficassem na rua e as energias se concentrassem imediatamente para a nova cachorrinha. Brincadeiras, corridas, latidos, tudo era motivo de risada e comentários, finalmente a alegria estava voltando à minha casa. Um novo afeto foi criado, um novo tipo de amor e carinho surgiu, uma nova companhia, um novo cão com sua personalidade e seu jeito próprio de interagir com a gente, agora repleto de lambidas, pulos, alegria quando nos vê e tristeza quando a deixo. É uma nova forma de carinho, agora em forma de cachorro.

Cerca de quatro meses antes, passei por momentos opostos referentes aos animais. Perdi minha pequena cadela Gorda, de quase 18 anos, em uma triste manhã. Ela já estava há alguns meses tendo pioras decorrentes da idade, havia parado de comer, estava cega, mas teve sua pior crise em um momento que eu não estava em casa. Ao chegar percebi que ela estava diferente, mas estava feliz de me sentir por perto, abanando o rabo e ficando no meu colo. De algum modo eu sabia que aquele seria nosso último dia. Não sai do seu lado, fiz tudo que eu podia e não podia para deixá-la tranquila e sem dor, mas infelizmente ela já estava indo. Em um pequeno cochilo de meia hora, em que eu estava deitada ao seu lado com as mãos sobre ela, Gorda deu seu último suspiro. O momento mais terrível de uma vida. Alguns podem achar que era apenas um cão, mas para mim era muito mais. Foram 18 anos juntas, 18 anos em que crescemos juntas, passeamos, sofremos, dormimos, comemos, estudamos, fazíamos tudo juntas. Foi graças a ela que parei de chupar chupeta, era ela que ficava ao meu lado e abaixava as orelhas quando me via chorando após brigar com alguém, ela me acolhia e de certo modo me entendia. Não, ela não me entendia, pois nós nos entediamos, nos compreendíamos de uma maneira única e inexplicável que mais ninguém, além de nós, poderia entender. Era minha motivação, meu cuidado especial, minha filha que me esperava todo dia voltar da faculdade, pedia comida, e sim, só comia comigo. Era ela que ficava no meu colo enquanto eu estudava para o vestibular, dormia nos meus pés todos os dias, arranhava a minha porta para me chamar e latia para me acordar, ela me defendia e em seus últimos meses só dormia se estivesse deitada no meu colo, sentindo meus batimentos cardíacos. Não era uma cachorra, era uma filha que cuidei com o máximo de carinho e com o maior amor que alguém poderia ter. Dei o meu melhor, fiz tudo que estava ao meu alcance, mas, infelizmente, a hora dela havia chegado. Não foi com tristeza que acordei

aquele dia, mas sim com desespero. Aquela manhã e muitas outras seguintes foram repletas de tristeza, insignificantes, de falta de sentido, angústias, desespero e choro. Não era apenas eu que estava triste, era a família inteira, era meu outro cachorro, Alfredo, que sempre esteve ao lado da Gorda, se preocupava quando ela chorava e ia correndo ver o que acontecia, que cedia sua caminha para ela sempre que estava deitado, ele sim estava triste, quieto, sem comer e deitado apenas em um canto, vivendo seu próprio luto. Como pode um pequeno ser mexer tanto com a gente? Como os próprios animais se afetam e criam tantos sentimentos entre si? Como um dia pode mudar tanto a nossa vida? Como eramos felizes! Como ela me fez feliz!

É por tudo que vivi com a Gorda, que vivo com a Bella e que milhares de pessoas passam com seus companheiros todos os dias que decidi pesquisar sobre a Terapia Assistida por Animais (TAA), focando não só nesta técnica, que está sendo cada dia mais usada no Brasil, mas sim na sua utilização pela Psicologia.